

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA

DANIELLA MORAES GARCÊS

Perceval, de “Camponês” a Cavaleiro do Graal *na Obra Perceval*

Ou Romance do Graal

SÃO LUÍS
2019

DANIELLA MORAES GARCÊS

Perceval, de “Camponês” a Cavaleiro do Graal: *na Obra Perceval ou Romance do Graal*

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Maria de Souza Zierer.

São Luís

2019

Garcês, Daniella Moraes.

Perceval, de “camponês” a cavaleiro do Graal/ Daniella Moraes Garcês – São Luís, 2019. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Adriana Maria de Souza Zierer.

1. Cavaleiro Cortês 2.Perceval 3.Graal 4. Imaginário Medieval.

DANIELLA MORAES GARCÊS

Perceval, de “Camponês” à Cavaleiro do Graal na obra *Perceval ou Romance do Graal*

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em História.

APROVADA EM: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Adriana Maria de Souza Zierer
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dr^a Ana Livia Bomfim Vieira
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva
Universidade Estadual do Maranhão

São Luís
2019

Aos meus queridos pais, Ana Rosa e Vladimir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me permitido continuar a minha jornada ate aqui e por todos os anjos que Ele colocou no meu caminho.

Aos meus pais, Ana Rosa e Vladimir que nunca desistiram de mim e que sempre me apoiaram em tudo que me propus a fazer. Sem eles não seria nada.

A minha eterna e mais paciente orientadora Adriana Zierer que segue fielmente a sua frase “Só o amor constrói”, pois ela jamais desistiu dessa orientanda que hoje tem em mãos a monografia, e sempre acreditou em meu potencial quando nem mesmo eu acreditava mais.

As minhas tias Ana Maria e Ana Claudia que sempre me deram a maior força.

Aos meus avós maternos que sempre sonharam em ter sua primeira neta formada. Vô Fernando e Vó Luzia me olhem aqui! Essa é para vocês.

A minha avó Geralda que sempre me ajudou mesmo eu não sabendo quando.

A minha amiga Gisele que me emprestou o Notebook quando mais precisei, pois o meu quebrou em uma hora nada legal. Valeu Gigi.

A minha amiga Tay que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais obscuros da minha vida.

Aos meus amigos que conquistei ao longo do tempo que estive no Curso de História.

Aos professores incríveis que tive a honra de conhecer e aprender com eles.

*O mundo não se divide em pessoas boas e más.
Todos nós temos Luz e Trevas dentro de nós. O que
importa é o lado que escolhemos para agir. Isso é o
que realmente somos. (Sirius Black).*

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar as transformações do cavaleiro Perceval utilizando a obra *Perceval ou o Romance do Graal*, escrita no século XII, por Chrétien de Troyes. Analisamos a forma de cavaleiro que se perpetuava na França do século XII, e como eles tiveram que se “civilizar”, tomando como ponto de partida os contos dos trovadores e as novelas de cavalaria. Apresentamos também o amor cortês, que serviu como forma de molde, que tanto os cavaleiros deveriam seguir, como a sociedade. Abordamos também como ponto principal a evolução do cavaleiro Perceval na obra *Perceval ou O Romance do Graal*, na qual temos a utilização do ornamento do cavaleiro ao seu comportamento com uma donzela. Para compreender a finalização da formação de tal cavaleiro, trazemos uma pequena e sucinta análise da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, porém nos detemos apenas a algumas façanhas de Perceval e sua conclusão como um cavaleiro completo.

Palavras chave: Cavaleiro Cortês, Perceval, Graal, Imaginário Medieval

ABSTRACT

The present work has as main objective to analyze the transformations of the rider Percival using the work *Perceval or the Romance of the Grail*, written in century XII, by Chrétien de Troyes. Let's look at the form of chivalry that perpetuated in twelfth-century France and how they had to civilize, taking as their starting point the tales of troubadours and the romances of chivalry. We will also present a courteous love, which served as a form of mold that both knights should follow as a society. We will also address as main point the evolution of the knight Perceval in the *Perceval or The Romance of the Grail*, in which we have the use of the ornament of the knight for its behavior with a maiden. In order to understand the completion of such a knight's formation, we shall make a brief and succinct analysis of the chivalric novel, *The Quest for the Holy Grail*, but we shall only dwell on Perceval deeds and his conclusion as a complete knight.

Keywords: Courteous Knight, Perceval, Grail, Medieval Imaginary

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	16
1. DO SIMPLES AMOR AO AMOR CORTÊS	20
1.1 O Amor Cortês no século XII	20
1.2 Mulher no Amor Cortês	23
1.3 Perceval e amor cortês no Romance do Graal	27
2. PERCEVAL EM FORMAÇÃO.....	31
2.1 Sobre o Autor e Sua Obra Cavalaria Perceval ou O Romance do Graal	31
2.2 A construção de Perceval como cavaleiro	33
2.3 Perceval como Herói.....	38
2.4 Perceval e o Graal	41
3. PERCEVAL x PERSIVAL	47
3.1 Transformação do cavaleiro cortês para o cavaleiro cristão	47
3.2 Percival N´A Demanda do Santo Graal	50
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XII na França, os romances de cavalaria vêm a tratar mais de aventuras e do heroísmo dos cavaleiros, centrando a ação também em romances proibidos, como é o caso do amor cortês. Isto veio a ocorrer pelo fato de se estar restabelecendo uma nova ordem, econômica, social e cristã. Marc Bloch expõe que: “*O aparecimento dos grandes poemas épicos, na França do século XI, pode conceber-se como um dos sintomas precursores que anunciavam o poderoso desenvolvimento cultural do período seguinte. Chamam-lhe muitas vezes «Renascença do século XII»*” (BLOCH, 1982, p.127). De fato, esse período da Idade Média, quando foi escrita a obra trabalhada neste trabalho – *Perceval e o Romance do Graal* –, foi de um grande renascimento.

“*A produção cultural acompanhou essa tendência nas artes, na literatura, no ensino, na filosofia, nas ciências*” (FRANCO JR, 2006, p. 16). Deste modo, vemos que o desenvolvimento da sociedade ocorreu em todos os outros âmbitos. Tendo o trovadorismo, uma expansão muito grande nesse período abordando o amor como uma nova versão ao seu significado.

A nobreza começa a ser exaltada como algo a ser admirado, pois o período que estava antecedendo o século XII estava pautado em violência por parte dos cavaleiros, que não seguiam mais um código de comportamento aceitável na sociedade. Estas pessoas do alto escalão social eram chamadas de *Bellatores*:

[...] personagens de alto nível, reis, condes, príncipes e senhores que traziam atrás de si suas tropas de guerreiros. Mas muito rapidamente veio incluir também os *milites*, os guerreiros acerca dos quais nada nos diz que fossem então tidos como nobres. (FLORI, 2005. p.114)

Assim, através dos entrelaçamentos que a sociedade medieval viveu a partir do século XII, houve uma junção entre nobreza e cavalaria. Estando bem explícito essa união de nobreza e cavalaria, se começa a se desenvolver um imaginário cortês, que vai se espalhando por oradores e literatura escrita (estas feitas só para grandes nobres, como no caso de Chrétien Troyes, que é patrocinado pelo conde Filipe I de Flandres para escrever um dos seus principais romances).

Esse entrelace da cavalaria com a nobreza veio para “civilizar” os cavaleiros (ELIAS, 1994) e a Igreja apoiava tal junção, pelo fato de não estar mais conseguindo manter a união e a paz dentro da sociedade. Essa instituição buscou o controle da cavalaria, criando rituais para se tornar cavaleiro, além de pregar a Trégua de Deus (proibindo lutas determinados dias da semana) e a Paz de Deus (estabelecendo que clérigos, camponeses, mulheres, crianças e idosos não poderiam ser atacados em caso de guerra).

Porém, só essas decisões de seletividade da Igreja não foram o suficiente para “domar” os cavaleiros, dessa forma em meados do século XII, nasceram as primeiras canções e romances sobre cavaleiros.

Os romances de cavalaria, assim chamados por tratarem das aventuras, proezas e amores dos cavaleiros, começaram a aparecer na segunda metade do século XII, sendo contemporâneos e como que sucessores das canções de gesta no gosto do público. Enquanto estas versificam num estilo épico os feitos grandiosos (*res gestae*) dos heróis, aqueles são mais complicados, sutis e refinados (MELLO, 1992, p.10).

Depois das então Canções de Gesta¹, começaram a ser compostas as novelas de cavalaria, que eram mais refinadas e bonitas aos olhos e ouvidos, além de serem educativas. É nesse momento que nasce o amor cortês no trovadorismo e nas novelas de cavalaria. Com a difusão dos contos de cavalaria e do então amor cortês, a literatura cresceu nesse período, tomando o cavaleiro como modelo a ser seguido.

O crescimento da prática cortesã e cavaleiresca durante o século XII cristalizou ainda mais o conceito medieval de cavaleiro, assumindo conotações místicas e românticas, favorecidas pela proliferação de uma literatura de cavalaria consubstanciada primordialmente nas canções de gesta e nos romances de aventura (LOYN, 1997, p.208)

Um dos maiores difusores das novelas de cavalaria foi Chrétien de Troyes que escreveu novelas como *Lancelote ou o cavaleiro da Charrete*, na qual vem a narrar

¹ As canções de gestas genérico para os 80 a 100 poemas épicos medievais em francês arcaico, usualmente anônimos, que constituem a maior parte das lendas em torno de Carlos Magno. Essa literatura, dominada por preocupações feudais e aristocráticas, narra as façanhas guerreiras dos grandes barões merovíngios e carolíngios.[...] Os personagens refletem os valores dos ouvintes, com o amor dos poetas pela descrição intrincada e estilizada. Ao combinar a tradição oral local e os temas convencionais, foi produzida uma literatura de complexa vitalidade. (LYON, p.176 -177)

a saga do cavaleiro Lancelot para resgatar sua amada Guinevere, esposa do rei Arthur. Outra obra que foi muito difundida foi *Perceval ou O Romance do Graal*, sendo esta última o centro da nossa análise.

Chrétien é o que apresenta pela primeira vez o amor cortês nas novelas de cavalaria, pois os trovadores² já apresentavam tal expressão, focando nessas suas duas obras, ambas inacabadas³, a cortesia, a honra, a coragem e o amor proibido, não se esquecendo de apresentar a mulher como objeto inalcançável.

A mulher nas novelas de cavalaria de cunho cortês tem um papel muito importante, o de controlar as ações dos cavaleiros. “*O cavaleiro não deve apenas ser um soldado e um fiel vassalo, ele também deve aumentar seu valor humano pelo amor de sua dama, por suas virtudes na corte*” (FLORI, 2005, 163). Neste ponto, a mulher tem em suas mãos o cavaleiro, no entanto, ela não perde a sua característica de um ser dualístico, no qual deve ser amado e temido ao mesmo tempo.

O imaginário sempre esteve muito presente nas obras de cavalaria nas quais se podia ver o reflexo do cotidiano com a ficção descrita pelos autores medievais. Em que momento começa e onde termina a verdade nessas obras? Vale ressaltar que antes das obras arturianas e de todo o clamor dos cavaleiros e damas, existiam canções que descreviam a vida das pessoas que não faziam parte dessa realidade. Mello nos diz que “*Na literatura arturiana a fabulação repousa em três elementos básicos: autor, a realidade histórica vivida e as tradições lendárias e folclóricas*”(MELLO, 1992, p.123).

Partindo desses princípios, a novela de cavalaria passou a ter uma base cortesã, pois ela queria modelar o seu cavaleiro sem deixar de fora a sociedade. A partir desse ponto, discutiremos a obra *Perceval ou O Romance do Graal*, analisando o seu

² O termo *trouvère* (troveiro) é a versão em língua ôil da palavra trobador e denota os poetas líricos que falavam esta língua e surgiram um pouco mais tarde na França do Norte., exemplo dos trovadores occitanos. O termo vem de trovar em occitano, ou seja, trouver em francês [...], e define um inventor de palavras e poemas. [...] Os trovadores foram is inventores e cantres do finamor. (LE GOFF, Jacques. Heróis e Maravilhas da Idade Média. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 280 – 281.

³O primeiro romance inacabado de Chrétien é *Lancelote o cavaleiro da charrete*. Nesse romance ele vem a narrar as façanhas do melhor cavaleiro do Rei Arthur no resgate da rainha Guinevere, que era sua dama, seu amor proibido, não sendo concluída por ele, mas sim por outro romancista. A sua segunda obra inacabada é *Perceval ou o Conto do Graal*, na qual narra a vida de Perceval em busca de aventuras cavaleirescas, esta não foi concluída devido a sua morte.

cavaleiro principal Perceval na sua formação para um cavaleiro cortês, além de suas façanhas para encontrar o Graal⁴.

Dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo analisamos o amor cortês, explicando como o mesmo se desenvolveu durante o século XII e sua difusão, tratando também dessa nova escrita para a literatura da época. Identificamos também o amor em sua forma cortesã, como houve a sua transformação de amor “íntimo”⁵ ao amor cortês na literatura do século XII e a sua disseminação.

Será abordado como houve a romantização do amor e os seus significados, como esse amor cortês teve relevância para o controle dos cavaleiros, tendo em vista sua efetiva seletividade ao adentrar para cavalaria, pois começou a se ter critérios básicos para tal⁶. Trazendo ainda para discussão o papel da mulher nessa nova escrita; apresentamos, por fim, a análise do cavaleiro Perceval e sua relação com o feminino na obra.

No segundo capítulo explicamos como o contexto histórico do autor e de sua obra, analisando as circunstâncias que o autor teve para escrever a obra *Perceval ou O Romance do Graal*, como a sociedade se portava na época e para quem ele escrevia. Em continuação, abordamos a formação do cavaleiro Perceval em sua saga para se tornar cavaleiro, passando a descrever e analisar as passagens em que o jovem cavaleiro tem sua formação cavaleiresca refinada. Tendo como objeto de estudo também observou-se o personagem em seus feitos heróicos e seu fatídico encontro com o objeto sagrado da obra.

No último capítulo, capítulo 3, comparamos o Perceval da obra de Chrétien de Troyes e o Persival da obra *A Demanda do Santo Graal*, tratando o personagem como se fosse uma continuidade sua formação cavaleiresca. Consideramos que este trabalho contribui para os estudos medievais e para os dois laboratórios de pesquisa do

⁴ O Graal não possui uma forma ainda de Cálice, mas sim de uma lança que sangra e uma travessa que cura e produz alimento.

⁵ Utilizo esse termo para descrever o amor que ficava recluso apenas dentro do casamento e também ao controle da Igreja que ocorreu até o século XI, tendo em vista que “o Ocidente cristão está apenas começando a fazer do casamento um sacramento e o papel do amor ainda é bem pequeno” (FLORI, 2005.p.142) Esse amor ainda estava também muito ligado a linhagem familiar, havendo ainda o casamento entre familiares, para que a herança familiar continuasse intacta.

⁶ Jean Flori, em sua obra *A Cavalaria*, em seu capítulo intitulado Nobreza e Cavalaria adentra perfeitamente sobre tal tema e as suas características na formação do nobre em cavaleiro.

Maranhão, *Brathair* e *Mnemosyne*, por tratar de questões sobre o imaginário medieval, com base na Literatura e um olhar voltado para a História-problema, a qual faz questionamentos sobre o passado para compreendermos a nossa sociedade hoje em dia.

1. DO SIMPLES AMOR AO AMOR CORTÊS

Neste capítulo, analisamos o amor em sua forma cortesã, como houve sua transformação de amor simples ao amor cortês na literatura do século XII e sua disseminação. Será abordado como houve a romantização do amor e os seus significados, como esse amor cortês teve relevância para o controle dos cavaleiros e sua seletividade.

No segundo momento, falaremos sobre a mulher no amor cortês. Qual sua importância e suas anuências dentro das novelas cavaleirescas e a sua importância para a evolução dos cavaleiros. Mesmo estas ainda estando ainda inferiorizadas.

Na última parte debateremos sobre o cavaleiro Perceval e o feminino na obra o Perceval e o Romance do Graal. Destacando suas virtudes e façanhas como cavaleiro cortês em formação.

1.1 O Amor Cortês no século XII

Para entendermos a história e a evolução do cavaleiro Perceval deve-se primeiramente compreender o significado do amor no século XII, pois centraremos nesse recorte temporal inicialmente, para assim explicarmos esse primeiro momento de vida do cavaleiro Perceval. Tendo este contexto, analisamos no primeiro momento o tema amor cortês e como o mesmo é exposto nesse período e na obra *Perceval ou O Romance do Graal*.

O amor em sua forma romantizada nasce na França do século XII, como uma ideia de cortesia, tendo em vista um novo significado e atribuindo novos valores ao cavaleiro. Porém, para compreender o nascimento, ou melhor, a difusão do dito amor cortês devemos primeiramente entender o seu significado e como era visto pela

sociedade, além do clero. Mas o que vem a ser o significado de cortesia? Fernandes aponta que:

O termo *cortezia*, derivado de *court* (corte) para designar o conjunto de qualidades do nobre e o modo de viver da aristocracia, faz sua aparição na poesia provençal do século XII e, assim como a cavalaria, a noção de *cortezia* [...] A cortesia não é apenas o código de etiqueta próprio da vivência refinada da corte, mas uma verdadeira moral idealizada da elite feudal. (FERNANDES, 2008)

As canções de trovadorismos difundidas no século XII tratam o amor cortês como um amor impossível, algo inalcançável. Como diz Neila Souza:

O amor cortês do fine amor era um termo utilizado pelos trovadores para contar as proezas desse amor perfeito, um amor trabalhado como o mais fino ouro. Eram esses homens – que saíam de corte em corte – que espalhavam esse novo discurso a respeito do amor e divertiam as cortes cavaleirescas (SOUZA, 2008, p.32).

Esses cavaleiros ansiavam buscar aventuras para provar sua honra, porém a cavalaria ia além do que realizar proezas em nome de uma dama. A aristocracia era a nobreza, por natureza eles eram nobres. Essa aristocracia era transmitida apenas pelo sangue (FLORI, 2005). Os nobres tinham uma educação que de fato era de caráter cortês, ou seja, eles sabiam se portar diante de uma situação e não agiam de forma descontrolada como os cavaleiros estavam agindo.

No século XII começou a se ter uma seleção de cavaleiros devido ao alto índice de violência e descortesia. Sendo assim, começou-se a se selecionar os cavaleiros, estes agora fazendo parte apenas da nobreza. Segundo Jean Flori “*No século XI, a formação da cavalaria e a divulgação controlada da investidura teriam assim criado uma aristocracia guerreira que, salientando a filiação vertical, teria se transformado em nobreza*” (FLORI 2005, p.119).

Adriana Zierer reafirma essa seleção da escolha de cavaleiros:

A partir de fins do século XII, com a ascensão dos mercadores e banqueiros a cavalaria tem o seu acesso fechado aos não-nobres e já a partir deste século surge toda uma ideologia cavaleiresca na literatura associada ao cavaleiro cortês, por exemplo, nos romances em verso de Chrétien de Troyes que exaltam as aventuras, a bravura dos cavaleiros da corte arturiana. (ZIERE, 2017, p. 140)

A cortesia em seu ímpeto serviu como forma de domar os jovens cavaleiros que estavam com seus desejos aflorados. Sendo assim, a cortesia já estava servia como forma de “controlar” tais impulsos.

Prova, pedagogia, e todas as expressões literárias do amor cortês, devem ser colocadas na corrente do vigorosíssimo impulso de progresso cuja intensidade culminou durante a segunda metade do século XII. Elas são ao mesmo tempo o instrumento e o produto desse crescimento que libertava rapidamente a sociedade feudal da selvageria, que civilizava. (DUBY, 2011.p. 71)

Foi nesse momento que a cavalaria e o amor se encontraram pela primeira vez:

O amor nem sempre existiu, é uma invenção do século XII. Sob a aparência do dito espiritual, essa máxima retrata uma realidade. Como a cavalaria, e mais ou menos na mesma época, o amor na forma sentimental e consensual nasce França, nos meios aristocráticos e cavaleirescos. Essa origem comum não é única ligação entre o amor e a cavalaria. Esses dois conceitos influenciam profundamente um ao outro. (FLORI, 205. p. 141).

Nesse momento o amor não era algo importante para a sociedade, pois ele sempre ficará em último plano. Não se tratava o amor como algo necessário e valioso, até o século XII, quando se viu necessário usar desse sentimento, há tanto tempo deixado de lado para se estabelecer a relação do cavaleiro com a sociedade.

“Um elemento interessante a ser analisado no período medieval é a relação entre a Igreja e a atividade guerreira” (ZIERER, 2012, p.38). Nesse período a Igreja começará a passar por grandes transformações com o tema amor, celibato e casamento. Devido às grandes doações que as famílias aristocráticas faziam ao clero, começou-se a ter um impasse de interesses entre as duas classes. De um lado um queria manter os seus bens em família e em contrapartida havia a Igreja que perseverava em manter a sua demanda do recebimento de suas doações.

Mas acima de tudo a Igreja queria manter o controle sobre os nobres e principalmente na sociedade. O amor cortês teve grande impacto na sociedade, pois os moldes em que fora feito modificavam tanto a área econômica, social e religiosa.

Com esse novo modo de comportamento o cavaleiro desenvolve uma honra e um caráter ímpar. Assim, o cavaleiro deveria fazer várias proezas para conseguir a

atenção e o amor da sua amada, fazendo com que o modelo cavaleiresco ficasse mais refinado. Segundo Flávia Pinho “*O cavaleiro cortês encontra o amor por sua dama a plenitude e a perfeição, visto que as provas as quais se submetem são unicamente para agradá-la e ser merecedor do seu amor*” (PINHO, 2011, p.32).

Então, ressaltamos que durante o século XII o modelo cavaleiresco que predominava era o do cavaleiro cortês. Dessa forma os trovadores exaltavam o alto valor desse cavaleiro e de sua cortesia. “*O amor cortês seria então uma reação ideológica da pequena cavalaria contra os ricos, os senhores, casados, que possuíam tudo: riquezas, poder e mulheres*” (FLORI, 2005, p.148).

A obra *Perceval ou o Romance do Graal* vem a apresentar esse modelo de cavaleiro através do personagem Perceval, no qual um dos primeiros ensinamentos que o mesmo tem é que ele proteja qualquer donzela que estivessem perigo. Esse cavaleiro deve honrar suas promessas e fazendo de tudo para agradar a sua dama, sendo ele bem educado, justo e cortês. Esta obra foi a segunda que Troyes escreveu enfatizando o amor cortês e suas anuências.

Devemos destacar que apesar do amor cortês ser algo proibido, pois é o amor entre um cavaleiro e uma dama comprometida, ele fez repensar que “*nessa época há um sentimento cuja transformação resolutamente moderna. É o amor. [...] o amor cortês soube encontrar o miraculoso equilíbrio da alma e corpo, do coração e do espírito, do sexo e do sentimento.*” (LE GOFF, 1983. p. 116-117)

1.2 Mulher no Amor Cortês

A mulher no século XII ganha um novo destaque, porém ainda se tem receios sobre o poder da mulher sobre o homem. Flori diz que “*Amar muito ardentemente sua mulher, diz Jerônimo, é tratá-la como cortesã, fazer dela uma prostituta. É pior que o adultério*” (FLORI, 2005, p. 143). Percebemos que mesmo a mulher ganhando uma nova atenção dos romancistas, ela ainda é comparada ao pecado, adquirido assim uma forma dúbia na sua representação como cortesã.

Neste momento, a mulher possui uma posição de maior destaque. Ela era um ser a ser manipulado, e ao mesmo tempo manipulador. Segundo Flori:

Ampliando e corrigindo a tese de E. Köhler, ele sugere que o amor cortês foi dado de fato “recuperado” pelos senhores utilizado a seu favor a ideologia de “serviço do amor” da dama para reforçar a afeição e o serviço desses cavaleiros. A dama, colocada voluntariamente por seu esposo no centro da corte, em posição ilusória de presa a ser conquistada pela vassalagem amorosa, seria então apenas engodo, um tipo de “marionete” manipulado pelo esposo que, na realidade, estaria no controle. (FLORI, 2005.148)

O cavaleiro cortês tinha que apresentar todas suas habilidades para conquistar sua amada, realizando uma leva de tarefas em nome dela. *“No romance cortês, é a dama que leva o cavaleiro a realizar uma série de ações visando a ultrapassar seus próprios limites. Ele age somente por e para ela”* (ZIERER, 2008). A maioria das mulheres cortejadas era casada ou compromissada, sendo assim inalcançáveis para eles. No entanto, o amor cortês possuía uma dosagem, não ferindo moralmente o companheiro da dama cortejada.

Uma das características afloradas no amor cortês era que a dama era comprometida, sendo assim o homem vinha a ser seu vassalo. A mulher tinha total domínio tenha uma forma dúbia. Por mais que parecesse que a mulher dominava todo o jogo de sedução. Ricardo Costa afirma que *“naquele jogo, onde a mulher era quem sempre vence a capacidade do homem em se prostrar, mesmo sendo fisicamente mais forte, é notória.”* (COUTINHO e COSTA, 2003).

O cavaleiro idealizava a sua amada, esquecendo qualquer defeito que ela possuía. Dessa forma ela se tornava mais almejada do que nunca, pois era perfeita aos olhos dele. A mulher tinha todas as suas melhores características exaltadas.

Os defeitos femininos deveriam ser apagados, esquecidos e suas virtudes glorificadas, exaltadas, e supervalorizadas até o ponto em que o objeto daquele amor fosse tão sublime quanto à aurora ou o próprio amor. A idealização da mulher amada muitas vezes fazia com que o poeta a afastasse da realidade e isso transformava o “morrer-de-amor” numa constante em versos. (COUTINHO e COSTA, 2003)

Um dos maiores representantes do amor cortês foi Lancelot que se apaixonou perdidamente por Guinevere, que era a mulher do rei Arthur. Chrétien de

Troyes já havia escrito a obra *Lancelot o cavaleiro da Charrete*, que trata da peregrinação de Lancelot para resgatar a rainha Guinevere, mostrando suas façanhas.

Neste sentido podemos dizer que:

O amor é concebido e descrito como valor em si. Ai esta, parece – me, um fenômeno fundamentalmente novo. Ele não é mais, como antes simples ingrediente que acompanhava eventualmente o casamento, mas como sentimento maior, de valor fundamental. (FLORI, 2005.p.149)

O cavaleiro deveria provar à mulher, sua dama, que estava disposto a colocar sua honra em nome dela. Porém por mais que tudo mostrasse que a dama estava no controle de toda a trama, ou melhor, domínio do cavaleiro isso não ocorria de fato.

Embora a dama pudesse parecer à figura dominante nesse drama privado, ela estava obrigada pelas convenções a condescender com as solicitações razoáveis do cavaleiro, da mesma forma que um senhor estava obrigado a recompensar seus fiéis seguidores; se ela não oferecesse algum favor ou esperança, era tachada de cruel e sem coração. (LOYN, 1997. p. 69)

A mulher mesmo tomando uma proporção maior dentro dos romances de cavalaria e sobre os cavaleiros, ela ainda era muito subjugada perante a sociedade. Ela ainda era vista como “algo” a ser conquistado, um objeto pecaminoso. Não tendo um real controle sobre o que poderia acontecer com ela, apenas uma falsa ideia de domínio sobre o cavaleiro.

Houve, de fato, uma promoção da condição feminina, mas, ao mesmo tempo, igualmente viva, uma promoção da condição masculina, de maneira que a distância permaneceu a mesma, e as mulheres continuaram sendo ao mesmo tempo temidas, desprezadas e estreitamente submissas, do que a literatura de cortesia dá testemunho em alto grau. (DUBY, 2011, p. 71)

Fernandes expõem que “*A cortesia coloca, portanto, a mulher no centro das atenções: ela é o motivo, a inspiração e o objetivo das boas ações que cavaleiros e namorados devem empreender*” (FERNANDES, 2008). Tendo como esse ponto de partida a mulher seria um objeto que deixaria os cavaleiros seguindo o caminho mais virtuoso, no sentido de seu comportamento.

O amor cortês faz com que se renasça novos sentimentos de virtudes nos cavaleiros, principalmente a sua honra. Expondo dessa forma a coragem que o cavaleiro tem para defender não só o seu amor, mas toda a sociedade e a priori o clero. Defendendo assim todos os seus antecessores e honrando a sua “linhagem familiar” (FLORI 2005, p. 159).

Podemos dizer que o amor cortês era em sua maior explicação uma ideologia ou um imaginário que os cavaleiros tinham para com suas damas, pois ele mostra todas as suas habilidades a sua donzela. Então, sendo assim Le Goff aponta que:

O importante é que o, sonhado ou vivido, ideal ou carnal, o amor cortês só fez reforçar a parte do imaginário que desde o início já existia na cavalaria. E George Duby nos revela ainda que, além do modelo social, a cavalaria era um modelo cultural. Os três objetivos essenciais do cavaleiro corajoso e cortês são a aventura, a honra e a glória (LE GOFF, 2009, p.117)

Tendo as mulheres uma “falsa” ilusão de domínio sobre os cavaleiros, elas faziam com que eles se comportassem de forma mais educada. Fazendo com que muitos almejassem a cavalaria, pois eles tinham tudo que queriam, incluindo as mulheres, por mais proibida que ela fosse. Dessa forma “*os guerreiros se civilizado e saído com mais freqüência de sua armadura, as figuras femininas avançaram passo a passo para frente da cena cortês*” (DUBY, 2011.p. 84).

A dama tinha como objetivo fazer com que a cortesia aflorasse nos jovens. Duby fala que:

A dama tinha a função de estimular o ardor dos jovens, de apreciar com poderão, judiciosamente, as virtudes de cada um. Ela arbitrava as rivalidades permanentes. Ela corava o melhor. O melhor era quem a tinha servido melhor. (DUBY,2011.p.74)

A mulher mesmo tendo a sua exaltação no amor cortês, ainda assim ela era pouco valorizada, como já havia exposto, a mesma era vista como objeto a ser conquistado.

Seguindo esta linha de pensamento Coutinho e Costa, citando: “*o medievalista brasileiro Rivair Macedo ainda afirma que não houve valorização feminina basicamente por dois motivos: porque esta suposta “elevação” atingiu apenas*

*um grupo específico (a nobreza) e porque a evocação enfatizava a imagem e não a mulher em si.”*⁷ (COUTINHO; COSTA, 2003). Ainda que possuindo uma exposição maior nas obras literárias, as mulheres ainda não tinha uma verdadeira valorização como pessoa..

1.3 Perceval e amor cortês no Romance do Graal

A obra *Perceval e o Romance do Graal* tomando como ponto de partida o autor Chrétien de Troyes que estava habituado a escrever sobre o amor cortês vêm em sua obra mostra a modelação do cavaleiro Perceval em um cavaleiro cortês.

Perceval em seu primeiro contato com uma donzela não soube se comportar de modo cortês, pois levou veementemente ao “pé da letra” os ensinamentos dado por sua mãe, cometendo assim uma descortesia com a jovem donzela que repousava em sua tenda, pois ainda pouco sabia sobre o que era ser um cavaleiro e, no entanto muito inocente.

Quando o rapaz penetrou sob a tenda, seu cavalo fez tal barulho de cascos que a donzela ouviu. Despertou. Estremeceu. Muito inocente o rapaz diz:

- Damizela, eu vós saúdo, pois minha mãe recomendou – me a saudar todas as damizelas, em todo lugar onde encontrar.

[...]

- Vai embora, rapaz! Segue teu caminho que meu amigo não te veja!

- No entanto vos beijarei, juro! Tanto pior para quem s agastar!

[...]

Segura-a deitada sob seu corpo, malgrado a defesa que ela tenta para desvencilhar. Mas em vão. Queira ou não, o rapaz beija-a sem parar sete vezes a fio, diz o conto. (TROYES, 2002. p. 34)

Nessa passagem, vemos a ingenuidade e a total falta de cortesia do então jovem galês que desonrou a jovem damizela, sem nem mesmo se dá conta disso. Como entendeu os ensinamentos primitivos de sua mãe erroneamente Perceval comete erros gigantescos, tomando à força a donzela em seus braços No primeiro momento confunde a tenda com um mosteiro, e o erro mais grave de todos rouba o beijo da jovem

⁷Citação do autor. MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 75.

damizela, que é comprometida, trazendo assim além da sua desonra a sua desgraça perante seu amigo e sociedade. Como cita Victor Alvim:

O beijo que rouba não é ofertado pela dama por vontade dela nem por rogo do jovem, é um beijo forçado. Eis aí o erro de Perceval, que gerará não só a desgraça da moça como também criará para si um inimigo na cavalaria, o que vai contra as tentativas da Igreja em diminuir as lutas (e inimizades) entre cristãos, havendo, portanto, uma moral implícita: não fazer mal às damas, pois isto pode evitar problemas futuros com a cavalaria, com a nobreza. (ALVIM, 2014, 56). (grifos nossos)

Depois desse episódio Perceval vai tendo uma leve mudança em seu comportamento ao longo de sua jornada como ocorre no momento que ele vence o Cavaleiro Vermelho e subseqüentemente manda devolver a taça ao Rei Arthur (taça essa que havia sido roubada pelo Cavaleiro Vermelho) e ainda manda uma mensagem para Kai (sarsenal que o ironizou ao chegar à corte do Rei Arthur e esbofeteou uma donzela) que ira vingar a donzela que o mesmo estapeou por ter se alegrado ao vê – lo.

Perceval ao se tornar cavaleiro pelas mãos de Gornemant de Goort começa a agir cortesemente. Se tornando um cavaleiro cortês, porém em constante aprendizado ao longo de seu caminho. Deixando o Castelo de Gornemante de Goort, o jovem cavaleiro após seu árduo ensinamento, chega ao Castelo de uma damizela de nome Brancaflor. Já munido de um conhecimento sobre seu comportamento.

Devemos nos lembrar que Perceval possuía uma linhagem de nobreza, por isso sua sagacidade em aprender rápido, os ensinamentos.⁸“*A nobreza [...]. É uma qualidade transmissível pelo sangue, a título hereditário. [...] A pessoa nasce nobre, a pessoa não se torna nobre*” (FLORI 2005, p.117).

Quando Perceval adentra ao castelo encontra uma dama pálida e abatida, porém ele a considera a mulher mais bela que já encontrou. Por sua vez, BrancaFlor oferece refeição e aposentos ao jovem cavaleiro. Durante a noite a dama se dirige ao quarto de Perceval e chora com angustia, descrevendo o que ira acontecer a ela e seus servos ao amanhecer.

⁸Veremos mais à frente sobre a educação de Perceval em sua formação para cavaleiro.

O cavaleiro já com suas características cortesês, ele a consola e pede que a mesma deite em seu leito, a mesma aceita tal proposta ficando assim os dois colados um ao outro durante todo o passar da noite.

O jovem cavaleiro abraça-a, segurando-a bem apertado contra si. **Coloca-a gentilmente, sob as cobertas. A damizela aceita seus beijos sem muito sacrifício!**

Assim ficaram toda noite, bem juntos e boca a boca, ate chegar à manhã. Nesta noite a anfitriã encontrou consolo: boca a boca e corpo a corpo eles repousaram ate o alvorecer (TROYES, 2002. p.51 -52) (grifos nossos)

Nesta passagem vemos que Perceval já não comete o mesmo erro que havia cometido posteriormente com a donzela da tenda. Nesse momento, ele tem a aceitação da donzela para prosseguir com o beijo. E ainda se propõe a defender suas terras, sendo ele um cavaleiro cortês.

Desde o inicio esse era o plano da BrancaFlor, fazer com que Perceval defendesse suas terras. A damizela sabe como agir. Contradita seu projeto, esperando que ele prossiga. “*É o jogo da damizela*”. (TROYES, 2002. p.52). Vemos então que “Homens dominados, sob o poder das mulheres”. (COUTINHO e COSTA, 2003), BrancaFlor sempre teve em mente fazer com que Perceval lutasse sua batalha assim DUBY aponta que “*a dama era ai mesmo tempo o juiz e o objeto. [...] era preciso dar, ela mesma dar – se, por etapas*” (DUBY, 2011.p.85).

Logo após ganhar do adversário da BrancaFlor e trazer a paz ao seu reino. BrancaFlor se entrega aos braços de Perceval novamente, estabelecendo um romance. Como é visto na obra:

Chega então a damizela, tomada de júbilo. Arrebata o amigo em seus aposentos, onde terá conforto e repouso. Não encontra a menor resistência para beijar e acariciar. Que importam o beber e o comer? Nada lhes apraz mais que os mútuos carinhos, a que dedicam todo o tempo. (TROYES, 2002. p. 55)

Percebemos que o romance que se estabelece entre Perceval e BrancaFlor, nada é o dito amor cortês, porém não em sua totalidade. Deve-se destacar que o amor cortês tem como ponto principal o romance proibido, o que não vem a ser o caso de Perceval com sua dama, possui as demais características do amor dito cortês. O

Cavaleiro passa um bom tempo na casa de sua amada, até o mesmo sentir saudades de sua mãe e decidir partir.

Em sua jornada Perceval encontra uma forma de se redimir em um dos seus maiores erros como um cavaleiro que ocorreu com a dama da tenda. Caminhado pela floresta Perceval encontra uma damizela que esta maltrapilha e tenta ajuda – lá, o mesmo não se recorda da donzela. A damizela o recorda do mal que havia feito a ela e o mesmo se prontifica a ajudá-la a explicar ao seu amigo o que de fato veio a acontecer na tenda. Sendo assim, Perceval foi moldado para ser um cavaleiro cortês. Desde sua hereditariedade até o fim de seu aprendizado, que o mesmo ficou inacabado.

2. PERCEVAL EM FORMAÇÃO

Nesse segundo capítulo iremos analisar a forma da escrita de Chrétien de Troyes, dessa forma poderemos compreender de forma sucinta os moldes sociais que o autor usou para escrever a obra *Perceval* ou o *Romance do Graal*. No primeiro momento falaremos um breve comentário sobre Chrétien e como suas obras tinham uma característica única.

Logo após, começaremos a descrever e analisar as aventuras de Perceval e como o mesmo se tornou cavaleiro, já que nunca havia tido um contato direto com um até sua juventude. Partindo do pressuposto do amor cortês, Perceval foi moldado nesta mesma linha de cavaleiro.

Por fim, falaremos sobre suas façanhas heróicas e peregrinação de Perceval para encontrar o Graal, que neste romance ainda não possui a forma de um cálice, mas sim de um prato e uma lança que sangra.

2.1 Sobre o Autor e Sua Obra *Cavalaria Perceval* ou *O Romance do Graal*

Chrétien de Troyes nasceu na França por volta do ano de 1135 na região de Champagne e falecendo no ano de 1185. Troyes escreveu a sua novela de cavalaria de maior percussão denominada *Perceval* ou *O Romance do Graal*. Esta obra foi a última que o autor escreveu antes de sua morte, deixando-a inacabada.

Chrétien não apenas escreveu *O Romance do Graal*, mas também muitas outras obras, como *Lancelot e o Cavaleiro da Charrete*, *Ivain e o cavaleiro do Leão* dentre outros, que vinha a mostravam seu estilo de escrita e conhecimentos. , sendo um escritor do século XII, sabemos muito pouco ou quase nada sobre a vida dos autores medievais como aponta Victor Alvim:

Como ocorre com muitos escritores do século XII, muito pouco se sabe sobre Chrétien de Troyes. Com efeito, não é possível sequer saber se Chrétien era seu verdadeiro nome, uma vez que “chrétien” pode significar “cristão”, o que seria uma maneira do escritor se identificar como clérigo, o que provavelmente foi. Em todo caso, “Chrétien” também pode querer dizer “Cristiano” (ALVIM, 2018. p.78)

Sendo assim, nada se pode afirmar com total certeza sobre a vida deste autor que expandiu os contos arturianos. Neste ponto, alguns estudiosos, como Maria Buesco acordam que Chrétien de Troyes foi o percurso, ou melhor, o que mais expandiu as lendas arturianas: É com Chrétien Troyes que, e segundo as palavras de Bruneti, “*a lenda arturiana atinge uma expressão artísticas dificilmente igualada em versões posteriores*” (BUESCO, 1991, p.34) (grifos da autora).

O autor Chrétien tem como principal característica em suas obras é a quase perfeição com a realidade cotidiana dos cavaleiros e da sociedade. Ele foi um dos que escrevia mais fielmente sobre o assunto trazendo - o para a realidade, como Alvim expõe:

Chrétien de Troyes é um maior realismo de seus personagens em comparação com o que vinha sendo produzido na literatura ocidental até então. [...] o que observamos em Chrétien de Troyes é um maior realismo de seus personagens em comparação com o que vinha sendo produzido na literatura ocidental até então. Antes os personagens que representavam, grosso modo, estados de espírito, algum valor, ou que sempre agiam de forma parecida (sendo por isso mais pessoas símbolo de algo, do que propriamente humanos), a partir dos romances cortesões de Chrétien, apesar de certas limitações, passam a ter características mais humanas: é dado um passo a mais em direção ao realismo, à humanização das personagens. (ALVIM, 2014. p.61)

Tomando desse contexto de escrita do autor Chrétien de Troyes temos a obra *Perceval ou o Conto do Graal* que foi escrita por volta do ano de 1181, a pedido do Conde Felipe de Flandres. Segundo Raúl Fernandes, a temática que é abordada no *O Romance do Graal*, se desenvolve um novo modo de novelas arturianas e buscando novas temáticas a serem trabalhadas:

Certo é que o Conto do Graal inaugura uma nova etapa no ciclo das novelas arturianas. Para apresentar a inédita concepção de cavalaria que estava propondo, Chrétien de Troyes julgou necessário descrever detalhadamente como Perceval tornou-se cavaleiro — e não um cavaleiro qualquer, mas o escolhido para encontrar o Graal. (FERNANDES, 2005. p.128)

Nela se narra as aventuras e façanhas que um jovem Galês de nome Perceval vem a realizar ate sua formação como cavaleiro cortês. Mas a obra não só nos trás as aventuras de cortesia e ensinamentos de virtudes e atitudes morais, ela nos

apresenta o Graal, que ao longo da narrativa vem se tornar de suma importância que o cavaleiro Perceval a encontre para ajudar o Rei Pescador.

Chrétien de Troyes é o grande autor arturianos do século XII. Após uma fase dedicada aos temas clássicos, ele passou a trabalhar com o material, a partir dos anos sessenta, utilizando a corte de Artur como referencial, ou integrando plenamente na evolução do enredo. [...]Estas histórias todas estavam destinadas a ser traduzidas, passadas para a prosa, ou continuadas. Perceval, por ter ficado inacabado, não explicado totalmente o enigma do Graal, gerou várias continuações, como igualmente escritos procurando esclarecer a origem e o sentido desse objeto misterioso. (MELLO, 1992, p.23)

Vale ressaltar que não houve finalização de tal obra pelo autor, pois o mesmo morreu antes de finalizá-la, deixando assim muitas incógnitas abertas sobre o futuro dos personagens e abrindo novas teorias sobre o final dos personagens logo após sua morte para outros autores, sendo que quase uma necessidade de novos escritores escreverem sobre o final do romance, pois gerava uma sombra sobre os personagens que não tinham conseguido finalizar as suas missões.

2.2 | A construção de Perceval como cavaleiro

Nesta obra aparece pela primeira o personagem Perceval, até então desconhecido por todos e sem nenhum conhecimento sobre cavalaria. O jovem camponês desconhecia suas origens cavaleirescas, estas escondidas por sua mãe, cuja mesma tinha medo de perder seu único filho nas batalhas.

Perceval cresce, portanto, como um garoto rústico e ingênuo, inconsciente de sua origem e identidade, em tudo oposto, enfim, ao que se esperaria de um membro da Ordem da Cavalaria, o título mais honroso reservado aos jovens da nobreza no século XII. (FERNANDES, 2005. p.128)

Como se observa nesta passagem a mãe de Perceval lhe privou de todo e qualquer contato com um cavaleiro. Para que isso não ocorresse o levou para dentro da Gasta Floresta com o intuito de proteger seu querido e amado filho.

- Ah, infeliz que sou! Caro filho, eu acreditava vos manter tão bem afastado da cavalaria que jamais ouviríeis dela! Nunca vos deixávamos ver um cavaleiro. Cavaleiro teríeis sido, se ao senhor Deus tivesse agradado que vosso pai velasse por vós, assim como

vossos outros amigos. [...] Caro filho, podeis se gabar – vós de não precisardes corar de sua linhagem nem da minha, pois sou nascida de cavaleiro, do melhores da região. Mas todos os melhores estão decaídos. (TROYES, 2002, p.30-31)

Perceval já tinha toda uma linhagem de cavaleiros na família, neste caso ele obrigatoriamente se tornaria um, e era isso que a sua mãe queria evitar, pois toda sua família tinha sido morta em combates.

Nesse período do século XII, começou a se ter uma seletividade para a entrada de um homem na cavalaria, ele deveria ser nobre para se tornar um cavaleiro, além de ser um jovem que teoricamente deveria ser moldado na cortesia devido a sua educação nobre. Duby nos diz que:

[...] os jovens são verdadeiramente “escolhidos”, inscritos conjuntamente na ordo. Os dons que lhes vêm do sangue, da gentileza, confirmam-se pela consagração. E as virtudes de que prometem dar o exemplo unem mais estreitamente tudo o que, posto no mundo real pela “cavalaria do país”, chega agora à maturidade viril, todo um recrutamento em torno do homem que cedo se tornará, por sua vez, o príncipe e deles receberá a homenagem, deles esperará os serviços, mas que nesse mesmo dia também, instituído por idêntico ritual, não quer aparecer sozinho, mas sim como o primeiro entre os seus pares . (DUBY, 1994 p. 328)

Quando o jovem Perceval tem o seu primeiro contato com um cavaleiro ficou maravilhado com tão formosura que eles possuíam, chegando a confundi – los com anjos. “-ah, senhor Deus, perdão! São anjos que vejo aqui! Em verdade, sim, pequei ao pensar que fossem diabos! Minha mãe não me enganava ao dizer que os anjos são as mais belas cousas que existem, exceto Deus, mas belo que todos.” (TROYES, 2002, p.27).

Essa foi a primeira vez que Perceval viu e ouviu falar de um cavaleiro em toda a sua vida. No mesmo estante se aflorou a sua vontade de se tornar um cavaleiro perguntando assim ao cavaleiro errante como se tornar um deles. Logo o cavaleiro lhe diz que para isso o mesmo precisa ir à corte do Rei Artur.

Nesse primeiro momento de peregrinação de Perceval seu único ensinamento vinha das instruções dadas por sua mãe fazendo com que o mesmo cometesse erros ao longo de sua jornada devido a sua ingenuidade.

Caro filho, quero vos dar um conselho que é muito bom conhecer, e, se quiserdes ouvir, muitos bem poderá advir [...]. Se encontrardes, perto ou longe, dama que tenha precisão de ajuda ou damizela em desgraça, sede ponto a socorre-las assim que vos solicitem. Quem as damas não presta honra é porque não tem honra no seu coração. Deverais servir damas e damizelas. (TROYES. 2002.p.32).

Sendo este o primeiro ensinamento que Perceval teve para a sua formação como cavaleiro. Tendo em vista, este conselho o jovem cavaleiro deixa a floresta e segue para a corte do Rei Artur apenas com o conselho dado por sua mãe.

Quando o mesmo encontra uma tenda e adentra, nela encontrando uma jovem donzela a qual tomas em seus braços para beijá-la e come da sua comida. Levando ainda um anel. *“Ao solicitar o amor de uma donzela, deve ser cortês: caso ela lhe conceda um beijo, deve dar-se por satisfeito; se ela lhe oferecer um anel, ele deverá usá-lo como penhor de fidelidade, de acordo com o costume da época”* (FERNANDES, 2005. p.128).

É nessa passagem que o jovem Galês usa os ensinamentos de sua mãe erroneamente, pois a jovem não corria nenhum perigo e ainda a toma em seus braços sem sua autorização. Esta ainda sofre as consequências dos atos do jovem Galês.

Perceval, após deixar a donzela da tenda o mesmo continua a sua jornada para a corte do Rei Arthur em seu caminho encontra o Cavaleiro Vermelho, no qual no mesmo momento o jovem Galês almeja a sua armadura.

[...] Porta armadura vermelha que lhe assenta bem.esta agrada muito o rapaz que diz consigo: “Palavra de honra, vou pedir ao rei essa armadura bela e nova. Ao diabo quem procurar outra!” [...] - Vou ate o rei – responde – para lhe pedir vossas armas.(TROYES, 2002.p. 37)

Este cavaleiro havia roubado a taça do Rei Arthur e violado a honra moral da Rainha, porém Perceval leigo de tal situação não se importa continuando sua caminhada ate o Castelo do rei. O jovem Galês vem a cometer assim um novo erro ao adentrar na sala onde se encontra o Rei, porém por não conhecer o rei, o mesmo não o saúda devidamente.

[...] Ele entra a cavalo na sala e vê o rei Arthur pensativo, sentando á cabeceira da mesa. O rapaz não sabe a quem deve saudar pois não conhece o rei. Então, encontra Ivonet segurando na Mao uma faca. Ivonet responde cortesamente:

- Amigo, lá o verdes. (TROYES, 2002.p.37)

Ao encontrar o Rei Arthur, Perceval o saúda como deve ser feito, porém o mesmo não fica feliz com a postura do rei que se encontrava deprimido pelo que o Cavaleiro Vermelho havia feito a ele e sua rainha, mesmo leigo ao assunto Perceval fala que o Rei Arthur nunca fez nenhum cavaleiro.

O galês prontamente vai até ele e o saúda como sabe fazer. Sempre pensativo, o rei não diz nada, tampouco a uma segunda saudação.

- Por minha fé - diz então o rapaz -, jamais esse rei fez cavaleiro algum! Como poderia, se homem não consegue arranca – lhe uma só palavra?

E, sem mais insistir, prepara-se para partir. Faz girar o cavalo, que esta tão perto do rei que com o focinho que derruba o chapéu real, podereis crer em mim. (TROYES. 2002 p. 37 - 38)

Nesse momento vemos a total falta de cortesia que o jovem Galês possuía, destratando o próprio Rei da corte. Quando o Rei toma conta de sua presença no salão, Perceval impõem ao rei que o torne cavaleiro.

Perceval não dar importância ao que o Rei fala e impõem uma condição ao Rei para se tornar cavaleiro que é possuir a armadura do Cavaleiro Vermelho. Sire Kai, que estava presente neste momento no salão, ri com sarcasmo do jovem Galês e o Rei chama sua atenção: “-Kai – diz ele, estais errado de zombar assim! Se este rapaz vos parece mal – educado, é que teve maus mestres.Creio que pode ser um bom vassalo”.(TROYES, 2002.p.38 – 39). Nesse momento, fica claro que Perceval não possuiu instrução nenhuma para se portar como um cavaleiro.

Após sair da corte do Rei Arthur, Perceval vai ao encontro do Cavaleiro Vermelho e o derrota, pegando para si suas armas. Quando Perceval, toma para si as armaduras do Cavaleiro Vermelho, ele não tem a ideia da importância da sua vestimenta, não sabendo o significado que as armas possuem e ainda não tem um aconselhamento de como usá-las.

[...] a entrega das armas “cavalheirescas”, a investidura, significa, no sentido forte da palavra, que esse guerreiro é admitido oficialmente a agir por meio do uso dessas armas no âmbito das funções que lhe cabem, levando – se em conta sua posição. Trata –se, por tanto, de um

ato declarativo publico de ordem profissional e não de uma profissão social. (FLORI, 2005.p. 39).

Em sua nova caminhada, após a derrotar o Cavaleiro Vermelho e pegar a suas vestiduras ele encontra um homem probo e o cumprimenta, pois assim havia ensinado a sua mãe. O jovem Galês, conta tudo o que passou ate o momento para o homem probo e pede para que o mesmo lhe der abrigo. Em troca do abrigo homem probo lhe oferece ensinamentos para Perceval e começa a lhe ensina como se portar como cavaleiro e a manejar suas armas.

Mesmo aprendendo a arte de ser cavaleiro, Perceval ainda leva consigo os ensinamentos de sua mãe e fala ao seu mestre, no qual ate o momento ainda não havia revelado o seu nome.

- Sire, minha mãe me ensinou a não fazer longa companhia a um homem sem saber o nome. Se disseres a verdade, quero conhecer o vosso.

- Mui caro amigo, meu nome é Gornemant do Goort. (TROYES,2002.p.45)

Tendo todos os ensinamentos dados por Goort, Perceval deseja reencontrar sua mãe, pois não sabia se a mesma estaria viva ou morta. Então, Goort o consagra cavaleiro. É descrito no conto como ocorre corretamente a forma de consagração do cavaleiro Perceval, mesmo no inicio o jovem galês se negando a deixar de usar as vestimentas que sua mãe lhe dera, ele escuta o seu mestre e deixa que o mesmo o guie para assim se vestir e portar como um cavaleiro.

Então o rapaz se veste, mas não com as roupas dadas por sua mãe. O senhor curva – se e lhe calça e espora a direita. Pois tal era o costume: quem fazia cavaleiro deveria calçar – lhe a espora direita. Chegam valetes trazendo as peças da armadura, afanando – se à porfia para armar o jovem. Mas é o senhor que lhe cinge a espada. (TROYES, 2002, p.42)

Este ponta da passagem é de suma importância, pois é nesse momento que de fato Perceval esta se tornando um cavaleiro. Chegando a esse ápice do conto em que o jovem galês alcançou seu objetivo, temos que destacar que:

Pela primeira vez, na literatura, surge à menção explicita da noção de cavalaria considerada como uma ordem da qual se espera um

comportamento exemplar que lhe é próprio. Gornemant, logo depois, exprime o conteúdo. Ele se reduz a pouca coisa ainda: além dos deveres religiosos esperados de todo cristão (orar, assistir à missa), o cavaleiro deve prestar socorro às damas e às senhoritas “desacompanhadas”, isto é, privadas da proteção e do apoio masculino. (FLORI, 2005, p.167)

Ao partir, Gornemant do Goort dar um último conselho à Perceval, para que ele não repita em voz alta os ensinamentos da mãe dele e que não fale quando não lhe dirigirem a palavra. Trazendo assim algumas conseqüências negativas para Perceval futuramente, pela sua ingenuidade.

Antes que ele partisse, no entanto, o velho dá um último conselho, sábio e cheio de conseqüências: tendo notado a ingenuidade do rapaz, que dizia tudo o que lhe vinha à mente e citava constantemente os conselhos maternos, Gornemant proíbe-o a falar desse modo, para que não o tomassem por louco ou inconveniente. (FERNANDES, 2005, 129)

Sendo esse o último conselho dado pelo seu mestre, Perceval parte para sua aventura como cavaleiro, porém tendo como prioridade reencontrar a sua mãe, isso não significa que seu treinamento havia acabado ele ainda precisava aprender muitas coisas, porém só com a vivência o mesmo alcançaria a plenitude da cavalaria.

O jovem cavaleiro não sabia até então a sua verdadeira missão proposta na obra de Troyes, mesmo esta sendo uma novela de cavalaria de cunho cortês, no qual os maiores ensinamentos era a formação de um herói cortês para que os cavaleiros e a sociedade se espelhassem. Porém, é visível que o autor tinha um destino para Perceval, que além de se tornar cavaleiro cortês, ele também encontraria o Graal. No entanto, sua obra foi interrompida devido a sua morte.

2.3 Perceval como Herói

Perceval, o herói do romance, é o único que pode realizar a busca porque ele é simples, ingênuo, de forma alguma maculado por um excesso de cortesia mundana. Nada, ao contrario, senão o valor inato, o predispunha à cavalaria. (FLORI, 2005. p.167)

Assim sendo, o jovem Perceval já estava predestinado a se tornar cavaleiro, pois todos em sua família eram dessa linhagem, sendo ele já predestinado a tal destino. Diferente dos outros cavaleiros Perceval tinha como objetivo encontrar o Graal, mesmo ele não tendo ciência no primeiro momento da obra.

Em uma das suas primeiras façanhas como herói foi quando Perceval tomou para si as vestes do Cavaleiro Vermelho. Mesmo ainda não sabendo manejar nenhuma arma, além de seus dardos, e sem possuir nenhuma técnica de luta o jovem Galês vence o Cavaleiro Vermelho que desonrou o Rei Arthur e sua rainha, tomando para si a armadura do referido cavaleiro. Mando logo após devolverem ao Rei Arthur o Cálice que foi roubado pelo Cavaleiro Vermelho.

Ao tentar vestir a armadura Perceval não consegue sozinho, precisando assim de ajuda para usar o traje. Porém o mesmo não quer se livrar das vestimentas que sua querida mãe que deu. “- *Diabo? Queres que eu troque os bons panos trabalhados por minha mãe pelos desse cavaleiro? [...] Maldito seja quem mudar suas boas roupas contra más roupas de outrem.*” (TROYES. 2002.p.40 – 41)

Isso demonstra que o jovem Galês ainda não estava totalmente preparado como um verdadeiro cavaleiro, pois agia por impulso e sem nenhuma cortesia ou educação. Segundo Jean Flori “*A noção de cavalaria é muito mais complexa e multifacetária do que parece*”. (FLORI, 2005, p. 11).

Então, Perceval ainda não possuía uma noção sobre as condutas da ordem da cavalaria, o que só foi acontecer quando ele encontrou Gorneman de Gorbaut, que lhe ensinou o básico da ordem e entregando as armas a ele.

Mas isso não limitou as façanhas feitas por Perceval. Logo após ser consagrado cavaleiro por Gorneman de Gorbaut, Perceval vai à busca de novas aventuras, no qual chega ao Castelo da Brancaflor, no qual percebe que o castelo não está em suas condições perfeitas e que a donzela que ali habita está abatida. Em um momento íntimo a Brancaflor revela o que tanto lhe aflige. Seus cavaleiros em sua maioria foram levados a Anguingueran e no raiar do sol ela seria levada como prisioneira a Clamadeu. E Perceval se prontifica a lutar por ela:

- Bela, não é hoje que ira albergar alhures. Quando deixar esse castelo, terei devolvido a paz á vossa terra, se puder. Quero encontrar la fora vosso inimigo, terei muito despeito se ele permanecer lá mais tempo, pois está errado. Se o vencer, se o matar, em paga requeiro vosso amor. Não desejo outra recompensa. (TROYES. 2002.p. 52)

Ganhado a batalha contra Anguingueran, Perceval recorda um dos ensinamentos do seu mestre e poupa a vida de Anguingueran, pois o mesmo implora por ela. [...] *Caro irmão, se tiveres que combater lembrai que, quando vosso adversário vencido implorar mercê, deveis ser misericordioso e não o matar.*(TROYES.2002. p. 46).

Sendo assim, Perceval manda Anguingueran ir a corte do Rei Arthur e se entregar, e dizer que salde a donzela que Kai lhe deu um tapa por ter sorrido ao lhe ver. Logo após essa vitoria, Perceval volta ao castelo de BrancaFlor mas não demora a partir, pois sente muito por não saber noticias de sua mãe.

Durante sua volta para casa Perceval descobre que sua mãe havia falecido fazendo assim que vagasse sem um destino especifico. Em uma de suas andanças, o jovem Cavaleiro encontra uma dama com roupas rasgadas e sujas. Em um primeiro momento Perceval tenta consolar a donzela proferindo belas palavras. O então cavaleiro não recordava que aquela donzela era a mesma que tinha roubado um beijo e seu anel na tenda. Ela com medo do seu amigo pede que o jovem Cavaleiro fuja enquanto há tempo:

- Ah, sire, tende piedade! Não faleis mais! Continuai o caminho e deixai – me. O pecado vos retém aqui. Fugi, fugi, será melhor!
 - porque fugir? Que há para temer? De onde viria o perigo? Quem me ameaça?
 - digo que ainda é tempo. Fugi! Ele vai retornar sem tardança, o Orgulhoso da Charneca. Não faz mais que buscar choques e combates. (TROYES. 2002. p. 74)

Logo após a conversa de Perceval com a donzela, seu amigo o Orgulhoso da Charneca sai de dentro da floresta e confronta do jovem cavaleiro, porém Perceval conversa com ele explicando o que aconteceu na tenda e que a jovem donzela nada havia feito para sofrer tal castigo.

No entanto, o Orgulhoso da Charneca não contente com tal resposta ataca Perceval e perde para o jovem cavaleiro, se rendendo e se redimindo com a jovem como assim está escrito:

Perceval escuta. Responde:

- Amigo, considerai como certo que ela cumpriu penitencia. Fui eu que roubei o beijo, foi à força. Fui eu que roubei o anel. Mas não fiz outra coisa, exceto comer um pastelão e beber fartamente do vinho (o que não foi tão grande tolice). [...]

- Cavaleiro, por minha fé, não te perdoarei antes que aqui perante mim perdoes tua amiga. Posso jurar, ela não mereceu ser tratada como fazes. (TROYES, 2002p. 75 -76)

Perceval, mesmo fazendo varias façanhas, sua formação como cavaleiro ainda estava em construção. Apesar de ser escolhido para encontrar o Graal só vai saber o seu propósito depois que já estiver mais maduro. Percebemos que Perceval amadureceu bastante o seu lado cortês, corrigindo erros e se tornando um cavaleiro respeitado perante a sociedade, que só de escutar o seu nome, as pessoas já o conheciam pelas suas batalhas.

Desta forma, Victor Alvim nos aponta que *Chrétien de Troyes cria aqui um personagem que muda gradualmente; sua psicologia vai se alterando ao longo do livro [...] Chrétien de Troyes apresenta uma mudança leve, lenta, mas constante nos personagens de seus romances.* (ALVIM, 2014, p.61). Percebemos que Perceval, foi se tornando um herói, ele não nasceu como um.

O principal ponto do Conto do Graal foi mostrar que o cavaleiro, mais do que ser só um homem vestindo uma armadura, representa um estilo de vida no qual o nobre pode se moldar e melhorar a cada ação sua, produzindo assim, mudanças para si e para a sociedade onde vive.

2.4 Perceval e o Graal

O primeiro ponto que devemos destacar sobre o Graal, é que durante o século XII, ele ainda não possuía uma forma totalmente cristianizada, isso só veio a ocorrer no século seguinte. Sendo assim, não podemos afirmar com exatidão a forma do

Graal, nas novelas de cavalaria, até se chegar ao século XII, onde se obteve a total cristianização dele.

A respeito do Graal, há varias explicações e linhas de interpretação sobre sua origem, que é de fato bastante instigante. Não há consenso sobre a origem do culto e de sua forma: ora representado por um vaso; ora por uma pedra preciosa. [...] Com a cristianização do Graal, ele vai tomar uma forma de um vaso ou taça, lembrando o cálice da Última Ceia. Esse objeto sagrado, além de servir como alimento material e espiritual, era também um elemento de articulação entre o povo escolhido e Deus. (SOUZA, 2015. p.67)

Segundo Zierer foi “*Chrétien quem introduziu a figura do graal (que mais tarde tomaria um sentido profundamente cristão), no romance Perceval*” (ZIERER, 2005. p. 161). Esta foi a primeira vez que aparece o Graal e claro a sua menção.

Quando Perceval está a caminho para encontrar sua mãe, o mesmo encontra um pescador, que mais a frente se revelará um rei e que o mesmo não pode andar. O Rei Pescador leva Perceval para seu castelo para o mesmo descansar. Ao amanhecer o Cavaleiro, presencia grande movimento em uma sala. Era a passagem do Graal:

[...] durante a ceia, Perceval vê um estranho cortejo passar pela sala: primeiramente, um valete que portava uma lança de cuja ponta vertia uma gota de sangue, seguido por mais dois criados com candelabros, abrindo passagem para uma donzela que tinha nas mãos um graal luminoso, feito de ouro fino e ornado com diversas pedras preciosas, seguida por outra donzela que trazia um prato de prata. (FERNANDES, 2005. p. 130)

Perceval ainda não adquiria sabedoria suficiente para encontrar ou ver o Graal, pois o mesmo ainda era muito ingênuo. E este ficou apenas a admirava tal formosura:

Ao entrar na sala, tão grande luz emanou desse Graal que as velas perderam a claridade, como as estrelas quando despoeta o sol ou a lua. [...] o Graal que ia a frente era feito do ouro mais puro. [...] Assim como havia passado a lança, as pedras passaram a diante dele. (TROYES, 2002.p. 66)

Até então, o Graal ainda não possuía toda uma característica cristã, aonde só veio a ser adquirida como mais fervor em obras posteriores. Como aponta Adriana Zierer:

Este objeto é apresentado então como um prato, já com sentido curativo, com a função de devolver saúde ao tio de Perceval, o rei Pescador, parálítico em virtude de um ferimento. O Graal ainda não adquiriu toda a simbologia cristã, mas já o encontramos associado à lança que sangra [...] Além do sentido de cura, o Graal, para Chrétien, também representa alimento, já que o pai do rei Pescador ingeria seu conteúdo, uma hóstia. “Essa hóstia é tão santa que sustenta e conforta a sua vida, e ele próprio é tão santo que nada o faz viver exceto essa hóstia no Santo Graal”. (ZIERER, 2012, p.42)

Perceval ainda com toda sua ingenuidade, não pergunta o que é tal coisa bela passando, mesmo querendo saber do que se tratava tal cortejo, pois se lembrou do conselho de seu mestre: “- *Caro, irmão, escutai: não continueis a dizer quer sabeis por vossa mãe cousas. Jamais vos censurei por isso, mas doravante, suplico, tendes de vos corrigir. Se continuásseis, iriam dizer que sois louco. Portanto, não faleis mais assim*”. (TROYES, 2002.p.47). E seguindo tal conselho, o jovem Cavaleiro não pergunta deixando passar pela primeira vez a chance de perguntar para que sirva tal coisa.

Tendo em vista que Perceval não perguntou o que era tal maravilha, fica difícil explicar qual a relação de Perceval com o Graal se tornando no primeiro momento um mistério, porque Troyes não ter concluído tal obra. Abrindo assim diversas possibilidades para os escritores posteriores criarem tal relação. Porém, fica claro mais a frente em sua obra o que o Cavaleiro Perceval deveria ter feito ao ter visto o Graal, ficando claro assim que ele era o escolhido para salvar o Rei Pescador.

Mesmo não perguntando de imediato o que era o Graal, Perceval continua pensando no ocorrido e vai à busca de alguém que possa explicar o que de fato aconteceu. Sendo assim, Perceval caminha pela floresta e encontra uma damizela que esta com um amigo morto em seus braços, mesmo assim a curiosidade de Perceval vai além da dor da damizela e começa uma conversa.

A jovem logo conta toda a historia do Rei Pescador e como o mesmo havia perdido os movimentos das pernas, sendo este ferido em uma batalha e se ficando recluso em um castelo afastado, no entanto fez um belo castelo como morada. Neste momento o Cavaleiro Perceval pergunta a jovem damizela:

- [...] Ora dizei: vistes a lança cujo punho sangra sem ter sangue nem veia?
- se a vi? Sim, por minha fé.
- E perguntastes por que sangra?
- Jamais falei de tal!
- Deus me ajude! Ficai sabendo que agistes mui mal . E viste o Graal?
(TROYES, 2002.p.70 - 71)

Esta mesma donzela vem a amaldiçoar o jovem Cavaleiro - que até a donzela lhe perguntar seu nome, o mesmo não recordava e em um súbito momento de clareza o mesmo responde que é Perceval o Galês - por este não ter perguntado o que era tal formosura durante o cortejo. Mudando seu nome de Perceval o Galês, para Perceval o Misero, pois ele poderia acabar com a dor do Rei Pescador e ter salvado toda a terra do mesmo.

Neste momento Perceval descobre que o Rei Pescador é seu tio e a damizela que conversará é sua prima – irmã, pois a mesma não foi criada com a mãe, pois a mesma havia morrido.

No caminho, Perceval encontra uma donzela que esclarece em parte o sucedido: se ele tivesse perguntado o que significava o Graal e quem era servido por ele, o Rei Pescador teria sido curado e a paz voltaria a seu reino. Após repreender duramente a falta de curiosidade do cavaleiro, a jovem pergunta como ele se chamava; “e ele”, diz o autor, “que não sabia o próprio nome, subitamente soube, e respondeu que era Perceval, o galês” (p. 71). A donzela revela então que era sua prima e dá notícias sobre a mãe de Perceval, dizendo que ela havia morrido de tristeza logo depois da partida do filho. (FERNANDES. 2005. p.130)

Nesse momento, Perceval começa sua peregrinação para encontrar o homem que se alimenta do Graal e saber por que a lança sangra. Durante toda sua jornada, Perceval nunca havia encontrado ao certo o motivo de não ter feito a pergunta que libertaria o Rei Pescador e suas terras.

Passaram-se cinco anos de peregrinação, pois o cavaleiro Perceval havia perdido a memória de buscar a Deus, mesmo ganhando todas as batalhas que enfrentava e nunca havido perdido uma só, nem mesmo assim lembrava-se Dele. Em um dia, após esses cinco anos sem lembrar um só dia do Senhor, quando vagava pelo deserto, o

jovem cavaleiro encontrou peregrinos, estes eram cavaleiros e damas. E o conto nos diz que:

Mas, a cabo dos cinco anos, quando ia por um deserto, caminhando como de habito, guarnecido de todas as armas, encontrou três cavaleiros escoltando seis damas. Todos estavam cobertos com capuzes, mas iam a pé, descalços e em, camisões de crina. [...] Um dos cavaleiros detém Perceval e diz:

- Mui querido amigo, então não acreditais em Jesus Cristo, que escreveu a nova lei para dar aos cristãos? Não é bom nem razoável armar – se no dia em que Jesus Cristo foi morto! Agis Mal!

E aquele não tinha a menor ideia do dia, da hora e nem do tempo, tão vazio estava seu coração, responde:

- Mas em que dia estamos?

- Que dia? Não sabeis? É Sexta – Feira sagrada, quando do homem deve chorar e adorar a cruz; pois nesse mesmo dia foi vendido por trinta dinheiros e crucificado Aquele que era puro de pecado. (TROYES, 2002.p. 108 -109)

Quando o jovem cavaleiro, nem sabia para que todo esse “alarde” sobre esse assunto e perguntou de que local eles vinham e o que faziam lá, foi nesse momento que Perceval percebeu que dia era esse e como havia se esquecido do seu Senhor por tanto tempo e chorou. Logo após esse momento, Perceval foi ao encontro do eremita que conta qual o pecado que Perceval cometeu:

- Irmão, o que te prejudicou é um pecado que ignoras. É a dor que fizestes a tua mãe no momento em que a deixastes.[...] Por esse pecado que fizeste é que nada perguntaste da lança e nem do Graal.[...] Mas sua prece teve tal força que por ela Deus te guardou de prisão e morte. [...] Tua razão não despertou, e por tua loucura não pudeste saber quem faz uso do Graal (TROYES. 2002. p. 111)

Quando Perceval confessa seus pecados ao eremita, ele começa a se reconectar com Deus e o eremita revela coisas ao jovem cavaleiro. Assim, o mesmo entende, que se esqueceu de Deus, devido a sua falha de não ter perguntado sobre o Graal, quando o viu. Neste momento, podemos trazer essa passagem para os cavaleiros da época, isto é: caso se esquecesse de glorificar ao Senhor e o buscar nas Igrejas, estes se esqueceriam do Criador. Como diz Victor Alvim:

O eremita o ouve confessar seus pecados: Perceval se sentia tão humilhado por nada ter dito quando viu passarem o Graal e a lança que sangra que desejou morrer, esquecendo-se de Deus. [...]

Os cinco anos de andanças de Perceval envolvido em cruentas aventuras representam o que poderia acontecer a um cavaleiro caso se

afastasse de Deus. Certamente o público que ouvia esta história na Idade Média devia pensar a respeito do perigo de se fazer parte da cavalaria, mas se esquecer da fé, pois, sendo esta uma profissão violenta. (ALVIM, 2014.p.99)

A obra de Chrétien de Troyes termina com a reclusão de Perceval junto ao eremita, fazendo assim penitência para pagar por seus pecados. Nesse contexto, podemos concluir que Perceval estaria finalizando sua educação cavaleiresca para encontrar o Graal:

Perceval tudo aceita. Então, o eremita, em grande segredo, ensina – lhe uma certa prece que repete até que ele a saiba de cor; e essa prece continua muitos nomes do Senhor Deus, dentre os mais poderosos, e que nenhuma boca humana deve pronunciar. Quando a oração estava aprendida, proibiu – lhe de repetir esses nomes, exceto em grande perigo. – Não sire, não repetirei – diz Perceval.

Assim, ele ficou e ouviu a missa com o coração em júbilo. Após a missa, lamentou seus pecados e adorou a cruz. Arrependeu – se sinceramente, e então ficou em paz. (TROYES, 2002.p.112)

Assim, Perceval entrou em comunhão com Deus e começará a ter uma nova relação de amor seu Criador. Tendo em vista o seu afastamento durante um longo período, nesta passagem, fica claro que Deus perdoa todos os pecados, desde que os seres humanos se arrependam e O busquem.

3. PERCEVAL X PERSIVAL

Neste último capítulo mostraremos a transformação do cavaleiro cortês para o cavaleiro cristão, abordando duas obras, porém usando o mesmo personagem e suas modificações durante a sua formação cavaleiresca.

Acrescentaremos aqui a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, escrita no século XIII, porém não se sabe ao certo quem a escreveu. Ela, se assim pode – se dizer, é uma enciclopédia de modelos de cavaleiros que possui ensinamento para o bom, o intermediário e o mau cavaleiro.

Descreveremos as ações do cavaleiro Perceval, no qual há uma pequena troca de nomenclatura do personagem passando a se chamar Persival, porém selecionaremos apenas algumas passagens deste cavaleiro, aquelas que mais se agregam ao tema proposto.

3.1 Transformação do cavaleiro cortês para o cavaleiro cristão

A obra *Perceval ou O Romance do Graal* foi escrita em meados do século XII, neste período a Igreja estava tentando “modelar” os cavaleiros que estavam se tornando bárbaros, que só saqueavam e não possuíam nenhuma cortesia para com os outros. Neste período, o amor para com o cavaleiro e sua dama era permitido, embora fosse de forma clandestina, em forma de amor cortês, onde sua dama era compromissada.

Durante o século XII o modelo de cavaleiro cortês era o ideal para a sociedade. Os travadores e os autores de novelas de cavalaria mostravam como agiam na sociedade e a forma como os cavaleiros adotavam as regras do amor cortês. Duby, afirma que para os nobres esse amor era um jogo para reorganizar a sociedade:

Os cavaleiros aceitaram o jogo porque as regras deste ajudavam a colocar melhor, se não a resolver, alguns problemas da sociedade, ardentes, que se punham na época e sobre os quais eu gostaria de dizer em algumas palavras de modo, em minha opinião, seus dados se

articulavam com as propostas do “amor delicado”⁹ (DUBY, 2011, p. 71).

Já no século XIII, fica extremamente proibida qualquer relação do cavaleiro com uma mulher, este se torna um cavaleiro cristão vivendo apenas para servir os propósitos cristãos. O Cavaleiro cristão deve servir a Deus, ser puro de mente e corpo, ou seja, não ter nenhum relacionamento carnal, nem em pensamento, pois na Demanda o maior pecado é o da luxúria¹⁰.

Com a mudança de modelo de cavaleiro a ser seguido agora é o modelo cristão que vem a ser abordado nas novelas de cavalaria.

A diferença básica entre o cavaleiro cortês e o cristão é que o primeiro deve provar seu valor através de uma série de aventuras capazes de enobrecê-lo. A aventura dá sentido à ação do cavaleiro. Ele deve testar continuamente sua valentia e força, por merecer o amor de determinada dama. [...] Já o modelo do cavaleiro cristão proposto na Demanda do Santo Graal, através de Galaaz, realiza façanhas voltadas para um propósito não mais carnal e sim espiritual. (ZIERER, 2012, p. 39)

Perceval, no final da obra de Troyes ele busca almejar a graça espiritual, pois o mesmo havia esquecido suas responsabilidades cristãs durante cinco anos. “*Diz a historia que Perceval tanto perdeu a memória de Deus que nem se lembrava mais dele. [...] Assim passou Perceval os cinco anos, sem uma só lembrança de Deus.*” (TROYES, 2002. p.108).

Tendo ciência do que havia feito Perceval vai a um mosteiro junto a algumas damas, durante todo o caminho Perceval ficará remoendo os seus pecados. Quando encontra o eremita, Perceval conta suas dores a ele. O mesmo se espanta com tamanha falta de erro para com suas obrigações para Deus e, o convida a jejuar e orar por dois dias, o jovem cavaleiro, prontamente aceita todas as condições do eremita.

⁹ Duby refere – se a amor cortês como “amor delicado”, devido as suas regras e jogos de sedução entre cavaleiro e dama.

¹⁰ Como se ver N’A Demanda do Santo Graal , quando os cavaleiro querem levar mulheres para a Demanda e um velho branda que não as levassem. “– Cavaleiros da Távora Redonda, ouvi. Vós jurastes a demanda do santo Graal. E Nascisão, o ermitão , vos manda dizer por mim que nenhum cavaleiro desta demanda leve consigo mulher, nem donzela, senão fará pecado mortal”. (DSG, 2008. P46)

Dessa forma Perceval pode perceber o amor de Deus por ele. Como a passagem coloca “*Então Perceval tomou consciência da Paixão e da Morte que Deus sofria naquela sexta-feira, e na Páscoa comungou muito piedosamente.*” (TROYES, 2002, p.112).

Quando Perceval, agora com escrito com uma nomenclatura diferente aparece n’A Demanda do Santo Graal – abordaremos sobre ela mais à frente– o cavaleiro já nos é apresentado de uma forma cristã, tendo ele um papel muito importante durante toda a novela cavalaria , mesmo não sendo o personagem principal da obra.

O que é narrado na Demanda é uma matéria totalmente diferente dos romances corteses. No romance cortês, como vimos no primeiro capítulo, o que importavam eram as aventuras do cavaleiro para provar seu valor diante da dama. Essas aventuras bastavam por si mesmas para que o cavaleiro tivesse seu mérito reconhecido. Na Demanda as aventuras não são o suficiente para enaltecer o cavaleiro, na verdade, ele nem está preocupado em receber a glória de seus feitos, pelo menos se estiver realmente comprometido com sua busca espiritual. E é esse tipo de cavaleiro o modelo proposto na obra. Ele não deveria importar-se com as coisas mundanas, sua única preocupação era a salvação de sua alma. (SOUZA, 2008, p.76)

As obras em que Perceval/ Persival¹¹ aparece, são de fato obras com meio século de diferença de escrita e com autores diferentes, porém o personagem não perde sua essência o que vem a ocorrer, é o crescimento espiritual e cavleiresco do mesmo. Neste caso, o cavaleiro apenas teve uma elevação em se tratando de modelo a ser seguido.

Antes Perceval batalhava para enaltecer ao seu ego, sua honra e damas. Agora ele tem como objetivo agradar a Deus e encontrar o Santo Graal, pois mesmo não sendo mais o eleito, o mesmo ainda possui uma suma importância. Essa adaptação de Perceval para um cavaleiro cristão foi devido à “*prosifcação dos romances de cavalaria efetuada no século XIII*” (ZIERER, 2005. 147).

¹¹Ora me referirei a o cavaleiro por Perceval e ora por Persival, de acordo com a obra que estarei a citar.

Desse modo houve uma desvalorização e ao mesmo tempo uma nova abordagem para a cristianização do cavaleiro, mostrando novo meio de comportamento aceitável para a sociedade.

3.2 Percival n´A Demanda do Santo Graal

No século XIII se difunde o modelo de cavaleiro cristão, onde a obra *A Demanda do Santo Graal* que vem fazer parte da *Matéria da Bretanha*¹², sendo que essa obra vem a fazer parte do segundo ciclo Pós – Vulgata. Esses Ciclos são obras de prosificação que vem a tratar da busca de cavaleiros ao Santo Graal, o primeiro Ciclo foi o Vulgata que continha versos de Robert Boron.

Dando essa breve e sucinta explicação, tomamos ciência que no século XIII, as obras eram pautadas em encontrar o Santo Graal, que já vem assumido a forma mais cristianizada, sendo assim precisando de um modelo de cavaleiro mais santificado. O Graal que na obra de Troyes é uma travessa com uma lança, na *Demanda do Santo Graal*, ele já vem a assumir a forma de um Cálice Sagrado que vem a ser o objeto que foi feito a última ceia.

Em resumo, a *Demanda* vem fazer uma narração dos cavaleiros do Rei Arthur para encontrar o cálice sagrado e trazer paz e prosperidade para o seu reino. Sendo que durante toda a narrativa se tem várias apresentações de modelo de cavaleiro, porém, apenas três deve ser seguido que é o cavaleiro dos cavaleiros aquele que é escolhido para encontrar o cálice sagrado Galaaz, depois temos o cavaleiro Booz que mesmo cometido o pecado carnal, ainda sim tem a sua remissão e por fim Persival que não somente ainda está presente na obra como também é um escolhido para encontrar o Santo Vaso.

Devemos destacar que no período que *A Demanda do Santo Graal* foi escrito baseado no amor cristão como Adriana Zierer aponta:

¹²Matéria da Bretanha, conjunto de textos de origem bretã e fundo céltico, tratando principalmente do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. (ZIERER, 2013, p. 221)

Já no século XIII é construído ao lado do modelo do cavaleiro cortês, a ideia de que a defesa do cristianismo é o elemento mais importante para o bom cavaleiro. Neste sentido, o amor cortês é criticado e a virgindade e a fidelidade aos ideais cristãos são valorizados em algumas obras literárias, numa aproximação dos cavaleiros com o ideal das ordens militares, como os templários. Este é ao mesmo tempo um momento em que a cavalaria como instituição encontra-se em crise em virtude da perda nas Cruzadas. Daí a necessidade de revalorização do caráter cruzadístico dos cavaleiros, visando conter a agressividade deste grupo social. (ZIERER, 2013.p.215)

O Graal na Demanda, não tem a mesma aparência que em *Perceval ou O Romance do Graal*, nesta segunda obra citada o objeto sagrado como já mencionado era um prato que curava e alimentava. Mas já na Demanda o Graal assume sua total cristianização tomando a forma de um Cálice, porém não perde a sua característica de alimentar e trazer a paz. Como Adriana Zierer menciona:

O Graal era capaz de alimentar tanto espiritualmente quanto materialmente aqueles que se servissem dele e é apresentado como principal elemento da prosperidade e harmonia do reino de Artur. Assim, o Santo Graal, oriundo inicialmente de antigas tradições célticas, como o caldeirão da abundância, representa ao mesmo tempo um alimento terreno e divino e no manuscrito fornece um simbolismo cristão. Logo depois de aparecer na corte, porém, o objeto sagrado parte, devido aos pecados do rei e de seus cavaleiros. Começa então a busca na qual somente os eleitos serão vencedores. (ZIERER, 2013, p.213)

Temos que enfatizar aqui que não se deve tratar o cavaleiro Perceval de Chrétien de Troyes, como se ele ainda existisse da mesma forma na Demanda, pois estamos tratando como uma continuação e evolução do mesmo. Este deixando o modelo cortês de lado e adotando o modelo do cavaleiro cristão, não há uma comparação, mas sim uma complementação de análise. Esse Perceval do *Conto do Graal* tem pouca pureza que irá adquirir na DSG. No *Conto*, Perceval não evita os prazeres da carne. (SOUZA, 2015.p.66)

Devemos lembrar que na Demanda existe uma divisão explícita do que pode e do que não se deve fazer para encontrar o santo Graal, existindo sempre uma batalha entre o bem e o mal, partindo desse ponto Neila Souza nos diz:

Nessa novela de cavalaria do século XIII, o núcleo principal que é a busca do Graal, é direcionado para todos os cavaleiros que “juram” a demanda, embora apenas poucos cheguem a cumpri-la. É por isso que, no decorrer da narrativa, serão distinguidos os “bons” dos “maus” cavaleiros. Esses últimos sucumbem principalmente aos pecados da carne, enquanto os primeiros conseguem resistir às tentações e manter-se fiéis ao seu propósito espiritual de encontrar o Santo Vaso. (SOUZA, 2008.p.74)

Persival aparece pela primeira vez na Demanda e logo lhe é atribuído que é um homem bom e que vive em santidade.

E naquela demanda, vos digo bem fez vida muito boa, porque mais estava em orações e em rogo de outra coisa e nunca ouvi dia que não jejuasse, e nos demais dias comia pão e água, e não encontrava ermitão ou reducluso a quem não se confessasse e com quem não tomasse conselho de sua alma. (DSG, 2008.p. 187)

Nesta passagem, fica evidente a transformação de Persival de um cavaleiro cortês a um cavaleiro cristão. E demonstra como um cavaleiro pode se portar para encontrar a salvação, exemplo também que deve ser seguido pela sociedade.

Persival, não é mais visto como um cavaleiro a fazer grandes façanhas em seu nome, tanto que em outra passagem, o cavaleiro já está tão edificado que um ermitão pede que ele o abençoe e o exalta como bem – aventureado, prevendo até mesmo o futuro dos cavaleiros que irão encontrar o Santo Graal.

Entraí adiante, Persival, santa e abençoada pessoa, bendito seja Deus que vos aqui trouxe. . Vossa vinda me livrou da morte do inferno; **verdadeiramente sois dos verdadeiros cavaleiros e dos bem – aventureados que hão de dar cabo da demanda do santo Graal.** [...]

- **Ai, Persival!, santo cavaleiro daí – me vossa benção, porque sois dos bem - aventureados que conhecidamente verão o santo Vaso.** [...]

E assim que viu Persival perto de si, ficou de joelhos diante dele e disse – lhe:

- Ai, Persival!, vós sois amigo de Deus e sede bem – vindo, porque me livrastes da morte má e odiosa, mas não o fizeres vós, mas o fez Nosso Senhor, por vosso amor. [...]

[Persival] Então ergueu as mãos e disse:

- O Rei dos céus vos dê a sua benção, porque a de tão pobre cavaleiro como sou não vos pode valer; mas esta vos valha. (DSG, 2008. p. 188 -189) (grifos nossos)

[...] mostrando a pureza do jovem e sua relação pregressa com o Graal, um ermitão lhe pede que o abençoe. Os ermitões eram considerados possuidores de uma religiosidade superior [...] Esse episódio ressalta o valor moral de Persival. (ZIERER, 2012.p. 43). Nessa passagem se vê com nitidez a evolução desse cavaleiro, que quando estava ainda na obra *Perceval ou o Romance do Graal*, havia até esquecido de Deus, já estava abençoando eremitas em nome de Deus. Persival, já estava mais familiarizado com Deus e todos os ritos cristãos na Demanda.

Mesmo o Persival sendo um cavaleiro cristão agora, ele não foge de suas lutas, uma delas ele encontrou quando estava cavalgando pela floresta e viu uma besta e se pergunta se Deus queria que ele tivesse melhor sucesso que seu pai. No entanto, ele encontra um cavaleiro pagão que a tempos queria matar a besta, porém sem sucesso, mas quando viu Persival o mesmo clamou o nome de Deus, mas nessa passagem Persival ainda não tivera a chance de matar a besta.

Persival, assim como Jesus também foi tentado pelo diabo. Quando Persival peregrinava até o mar encontrou uma tenda na qual estava uma donzela, o mesmo pediu permissão para pernoitar e assim descansar da longa jornada que havia feito. Ela prontamente aceitou tal estadia do cavaleiro e explicou que não era da região que estava e não conhecia nada naquele lugar.

Ele se tomou de amor pela donzela e chegou a pensar em lhe fazer sua mulher, mesmo ela relutantemente não aceitando as investidas do cavaleiro. No entanto, quando tal pensamento lhe veio à mente Deus preferiu palavras com voz de trovão alertando o cavaleiro que desfaleceu e quando acordou viu em sua frente não uma donzela, mas sim o próprio demônio.

E ela disse que não o faria; ainda assim tanto insistiu com ela que lhe veio a outorgar tudo que pedisse, contando que fizesse o que prometera. E ele estando nisto falando, eis que vem do céu um tão grande ruído como se fosse trovão, e fez tão grande reboliço, como se movesse terra, assim Perseval tremeu de pavor, e ergueu – se espantando, e ouviu uma voz que dizia: “Ai, Persival, como há aqui tão conselho! Deixas toda alegria por toda tristeza, donde te verá todo pesar e toda má ventura”(DSG, 2008.p. 258 -259)

Deus interfere nas ações de Persival, pois ele cometeria o pecado da luxúria e perderia toda a sua elevação espiritual e sua entrada aos céus, mas principalmente seu encontro com o santo Vaso.

O episódio A tentação de Persival é uma narrativa que trata de um fato maravilhoso, algo de dimensões sobrenaturais. O episódio configura exatamente o imaginário da época e as construções antropológicas a partir dos medos e fantasias do homem medieval. Faz uma clara alusão ao terror advindo da tentação diabólica e a reflexão sobre o que é maravilhoso vindo de Deus e o que é ilusão de Satã. (Ramos, 2009. p. 28)

Depois da tentação que sofreu Persival entende que precisa vigiar mais e ficar em conexão com Deus para que não venha cometer nenhum pecado e condenar a sua alma ao sofrimento eterno. Persival ainda teve grandes feitos N´A demanda do Santo Graal como cavaleiro, não só através de seu domínio com as armas, mas principalmente como um cavaleiro cristão que vivia em constante comunhão com Deus.

O Perceval do *Romance do Graal* possui pouca ou quase nenhuma – em alguns momentos da narração – o senso de cristão, pois pouco se fala em suas passagens a glorificação de Deus ou algo que O remeta. Tanto que na passagem final do romance o então cavaleiro já nem se lembrava mais que dia era e de sua relação com Deus. O que vem a diferir da relação dele com Deus que vemos N´A Demanda do Santo Graal.

Vemos também a diferença na relação de Persival com o feminino¹³, pois no *Romance do Graal*, ele queria conquistar as mulheres pelos seus feitos, já na Demanda mesmo sofrendo uma tentação e quase pecado, Persival agora mais sábio, e possivelmente mais velho é conhecido por suas aventuras e não é mais levado pelo desejo carnal. Em um momento de descanso o mesmo encontra uma tia e no qual vem a conversar sobre suas andanças e ela o abençoa:

[...] e vós, senhor, como tendes nome? - disse ela.
 E ele respondeu vergonhoso e disse:
 - mulher, sou eu aquele Persival que procurais.
 - E é verdade? – disse ela – Sede bem vindo, e bendito seja o Espírito Santo que vos mostrou para mim antes da minha morte, pois esta era a coisa do mundo que mais desejava. [...]

¹³No entanto devemos levar em consideração que estamos analisando uma “continuidade da formação do ser cavaleiro.

- Sobrinho – disse ela -, Nosso Senhor, por sua piedade, vos faça melhor andante que foi vosso pai e vossos irmãos que morreram de muito sofrimento e grande martírio. (DSG, 2008. p.230)

Em outra passagem Persival ajuda uma donzela que esta sendo perseguida e prometera a ela ajudá-la.

- Deus vos dê alegria, porque muito me parece que dela tende necessidade.

E ela respondeu chorando:

- Deus sabe meus feitos.

- Donzela – disse ele -, poderia ser que me dissésseis a razão de vosso pesar? Eu vos prometo como cavaleiro que vos dê todo conselho que puder.

- Senhor – disse ela – quem, sóis, que tanto prometeis fazer por mim?

- um cavaleiro andante sou – disse ele. (DSG, 2008. p. 236 – 237)

Vemos aqui, que mesmo sendo um cavaleiro cristão, ele acima de tudo ainda é um cavaleiro, tendo como obrigação ajudar as damizelas e aqueles que estão em perigo. Porém na Demanda deve-se tomar um cuidado maior em relação a mulher, pois ela é sinônimo de luxúria, o maior dos pecados.

Em sua formação final temos o encontro de Persival com um homem bom que lhe conta às maravilhas que ira aconteceram com o então homem bom, este descreve todas as maravilhas que Deus havia feito por ele e como ele era grato ao Amor de Deus, que lhe deu a chance de ver grandes acontecimentos em sua longa vida.

Quando Persival assiste a uma missa uma carta cai do céu e nela estava escrita como se sucederia a Demanda.

[...] assim que o ermitão foi vestido das armas de Jesus Cristo e cantou missa com a secreta, àquela hora, caiu uma carta sobre o altar. Mas sem falha, não viram quem jogara, porque as coisas espirituais não se mostram em todos os lugares onde acontecem, senão a quem Deus quer. Depois que rezou a missa e se despiu dos paramentos, pegou a carta e disse a Persival:

- Amigo, Nosso Senhor ouviu vosso rogo; vedes aqui uma carta que vos enviou. Eu cuido que achareis escrito o que me perguntastes. (DSG, 2008. p.193)

Neste momento o eremita narra toda a peregrinação de Persival, Booz e Galaaz para chegar ao local onde se encontra o Cálice Sagrado, falando também como será o fim desses cavaleiros. Persival, prontamente aceita seu destino, pois afirma que Deus sabe de todas as coisas.

Quando o Graal é encontrado por Galaaz, Booz e Persival, eles são levados a uma sala, onde se encontram mais cavaleiros, totalizando doze – referências a Santa Ceia e os apóstolos de Cristo – que faz com que o Santo Graal apareça e que eles possam debruçar sobre a maravilhosa vista que é ver o Cálice Sagrado.

Após, Galaaz beber do cálice, foi à vez de Persival, caracterizando assim, que a sua importância ao encontro do Graal era necessária para tal feito. Quando eles deixam o local onde encontraram o Graal eles partem para uma terra distante e ficaram em companhia do Vaso Santo, sendo que Persival se tornar ermitão e morre assim, tendo sua alma salva, como foi revelado pela carta enviada dos céus. Dessa forma termina a formação do cavaleiro Perceval/ Persival, reencontrando os seus dois elos perdidos e os que o ligavam a demanda. O primeiro o Graal e o segundo o Rei Pescador.

- Amigo Persival, da demanda do santo Graal vos digo bem que tereis muito prazer e muita boa ventura e muito esforço e muita aflição e chegareis à casa do rei Pescador para terdes o santo manjar do santo Graal, e ireis lá doze companheiros bons a Deus e ao mundo, e lá tereis tão grande alegria e tão grande prazer que nunca maior tivestes; e, depois partirdes de lá, sabeis o que vos acontecerá, pois sofrereis muito trabalho e muita lazeira fazendo companhia ao Vaso. Então, vos guiará Nosso Senhor a vós e a Galaaz e a Booz de Gaunes a uma terra muito estranha e muito longe do reino de Loges e naquela terra morrereis vós e a Galaaz em serviço de Nosso Senhor. (DSG, 2008.p. 194)

Vemos que nessa passagem Persival fica ciente de antemão qual será o seu futuro na busca pelo Graal, e como terminará a sua jornada como cavaleiro, terminando assim um ciclo que começará desde seu primeiro contato com um cavaleiro até o seu reencontro com o Graal.

CONCLUSÃO

Vemos que a cavalaria, de uma forma geral, era composta de várias regras e transformações, de acordo com o momento em que se vivia. A cavalaria de certa forma começou a se destacar como algo almejado a partir do século XII. Nesse período a Igreja começará a querer uma mudança e lealdade mais profunda desta ordem. Alvim nos diz que:

Por conta destes concílios e da Paz de Deus, já não se enxergava a cavalaria no limiar do século XII como, necessariamente um caminho de mortes e pecados constantes (em especial, o homicídio); os cavaleiros que servissem a Deus seriam redimidos de suas faltas. (ALVIM, 2014.24)

Os cavaleiros começaram a ser glorificados de certa forma pela sociedade, pelo clero e principalmente pela nobreza. Esta última que começou a ter “exclusividade” para entrar na cavalaria, Isso veio ocorrer devido às mudanças que a sociedade sofria. Lyon no Dicionário da Idade Media caracteriza o cavaleiro como sendo:

A evolução da sociedade feudal na Idade Média Central, tanto na Europa ocidental quanto nas Cruzadas, gerou condições especialmente favoráveis ao desenvolvimento dos ideais de cavalaria, com seus elementos gêmeos, mas nem sempre inseparáveis, de Cristianismo e de belicosidade. Associado etimologicamente (chevalier, “cavaleiro”) à elite montada da sociedade feudal, a cavalaria desenvolveu suas instituições, regras e convenções características no decorrer dos séculos XII e XIII, por iniciativa tanto de poetas quanto de legisladores. As cerimônias de armar cavaleiro, de concessão de armas, de adoção de insígnias e brasões como distintivos de nobreza, enfatizaram os atributos seculares da aristocracia militar dominante. (LYON, 1997.p. 205)

Desse modo quando Chrétien de Troyes começou a escrever suas obras, ele não sabia as proporções que iriam tomar, tanto em sua esfera social quanto para o enriquecimento literário que não só se alavancou no século XII quando ainda está muito presente na atualidade. Desta forma, analisamos também como a sociedade cavaleiresca se portava através das novelas de cavalaria e como ocorria a sua formação.

O século XII foi munido de grandes transformações para os seus cavaleiros que saíram da barbaria em que se encontravam. Durante esse período em que se começa a inserir o amor de forma mais leve e proibido nascendo assim o amor cortês, que foi

inserido primeiramente pelos trovadores e logo após pelos romancistas, este “estilo” de amor, foi introduzido na vida dos cavaleiros para que eles possuíssem um pouco mais de cortesia durante suas andanças e soubessem como tratar uma dama.

Esse modelo de amor tem como característica principal o amor proibido entre um cavaleiro e uma dama casada ou compromissada. Eles tinham que dominar a arte da conquista, além de fazer valer sua honra e coragem para conquistar a sua amada. Mesmo a mulher tendo um papel importante nessa fase dos romances, elas ainda eram muito temidas e não se podia confiar plenamente nelas, pois em algumas ocasiões elas manipulavam os cavaleiros a fazerem suas vontades, já pré-estabelecidas.

O ponto forte nesse contexto histórico-literário é que Perceval representou de todas as características do cavaleiro cortês, pois ele teve sua formação narrada em toda a novela de cavalaria. Apontando os seus erros e acertos durante suas aventuras. A obra apresenta toda a formação de um cavaleiro cortês, desde suas ornamentações quanto sua forma de agir.

O feminino tem uma nova abordagem no contexto literário do século XII, assumindo um papel de importância na formação de um cavaleiro, tendo ele que se portar de forma cortês para com ela, fazendo façanhas para agrada-la. Dessa forma ele poderia cair nos braços de sua dama, no entanto, ter a sua dama em seus braços era algo platônico, pois ela ou era casada; ou comprometida. O cavaleiro apenas participava de torneios para ter a atenção da sua dama proibida.

Um dos maiores percussores do amor cortês nas novelas de cavalaria foi Chrétien de Troyes, que escreveu obras que difundiram essa forma de amor. Trazendo como obras *Lancelote o cavaleiro da Charrete*, que tratava do amor de Lancelote por Guinevere, e a sua obra mais difundida *Perceval ou o Romance do Graal*, ambas inacabadas. Na segunda obra citada, Chrétien apresentou pela primeira vez o cavaleiro Perceval e a sua busca pelo Graal, que até então não se tinha a aparência de um cálice, mas sim se uma travessa.

Perceval durante toda a narrativa da obra tenta se tornar um cavaleiro melhor durante suas andanças, tendo vários mestres. Quando consagrado cavaleiro por Gornemant do Goot, depois deste, lhe ensinar os manejos das armas e lhe por a

armadura corretamente, Perceval sai em busca de novas aventuras, porém não antes de querer voltar a encontrar sua mãe, algo que não acontece.

O jovem cavaleiro passa por muitas aventuras até ter seu primeiro encontro com o Graal, porém o mesmo não pergunta sobre o objeto que vê. Vemos nesse momento que o Perceval ainda não estava pronto para ter o prazer de se maravilhar com tal objeto sagrado, é nesse ponto que o jovem cavaleiro começa a sua andança para encontrar o Graal para ajudar o Rei Pescador, a narrativa termina sem que Perceval encontre o objeto.

Perceval, não é um personagem só. Ele engloba vários tipos de personagens durante toda a sua formação, ele vai do camponês até aquele que foi escolhido para encontrar o Graal. Nesta narrativa o herói representa a construção de caráter e cortesia, pois nada disso Perceval tinha. Ele foi adquirindo qualidades cavaleirescas com o tempo, passando de um jovem galês que não sabia nem manejar uma espada, a um cavaleiro que ganhou várias batalhas.

Colocando como uma continuidade da formação de Perceval, abordamos de forma selecionada, passagens da obra *A Demanda do Santo Graal*, escrita no século XIII. Nesse momento o cavaleiro cortês não é mais o ideal, mas sim o cavaleiro cristão, que busca alcançar aos céus através de boas obras na terra e sempre buscando a Deus para guiá-los:

A presença do religioso na narrativa é constante, havendo uma clara luta entre Deus e o Diabo. Deus dirige-se diretamente aos seus fiéis, impedido – os de cometer maus atos. [...] os eremitas também têm papel de destaque no relato: através de sua voz desvendam sonhos e fazem previsões (ZIERER, 2005,p.148)

Entendemos assim, que quando Perceval foi tentado pelo diabo e quando o mesmo recebeu a carta dos céus pelo eremita, era Deus em toda sua misericórdia mostrando o caminho que ele deveria seguir e o protegendo do mal que o rondava, pois ele era fiel a Deus.

É n' *A Demanda do Santo Graal* que Perceval vai passar de um cavaleiro cortês para cristão, pois ele além de possivelmente está mais maduro, também buscou

ao senhor de todas as formas. Em uma das passagens ele vem a abençoar um eremita, pois este muito insiste para que Perceval o faça.

No século XIII o que perpetuava era o modelo cristão, aquele que vivia em oração e que estava sempre na presença do Senhor. Segunda Zierer diz que: “Segundo a ótica cristã da narrativa, o Graal parte da corte devido aos pecados do rei e da maior parte de seus cento e cinquenta cavaleiros. Destes, apenas um número reduzido, conduzido pelo filho de Lancelot, conseguirão encontrar outra vez o Santo Graal”. (ZIERER, 2013. p.212)

Vemos que ao analisar o personagem Perceval em duas obras de períodos diferentes, constata-se que a sociedade esta em constante movimento e que não só o âmbito político, econômico e social vem a mudar. A literatura tem grande importância para se esboçar como era a sociedade desse período, assim como o seu imaginário.

As mudanças que ocorreram no personagem apresentado mostravam como havia sido necessário, haver um modelo a se seguir para se manter a “ordem” social através da literatura e como tal era importante.

Quando se chega ao fim de toda narrativa e análise do Perceval, tanto no *Romance do Graal* quanto na Demanda vemos que no fim da obra ele encontra o Graal, tornando se eremita e alguns anos depois vem a falecer com sua alma salva. Desta forma, a sociedade em seu geral estava pautada em seguir os exemplos dados nas obras em seus respectivos períodos. Neste ponto Adriana Zierer diz que os eremitas nesse período do século XIII erram a voz do Senhor na terra:

O eremita é um homem sábio e temente a Deus que se afastou do convívio dos homens para se dedicar à vida espiritual. Era uma figura bastante valorizada no período medieval. No caso do romance A Demanda do Santo Graal, os eremitas são os detentores da sabedoria enquanto que os cavaleiros os portadores da ação. Por esse motivo somente os primeiros eram capazes de desvendar os sonhos dos cavaleiros durante a demanda, além de fazerem previsões. Neste romance alguns dos ex-cavaleiros se tornam no final da vida eremitas. (ZIERER, 2008, p.60)

Concluimos assim, que de certo modo ouve uma continuação da formação do cavaleiro, mesmo sendo obras com autores distintos, ficou visível que existia uma

necessidade de se encerrar um ciclo sobre Perceval, algo que não ocorreu na obra de Chrétien.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

TROYES, Chrétien de. **Perceval ou O Romance do Graal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

A Demanda do Santo Graal. Organização e atualização do português Heitor Magale. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

OBRAS TEORICAS

ALVIM, Victor Reis Chaves. **As Representações da Cavalaria em *Perceval Ou O Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes**. Monografia de Conclusão de Bacharelado em História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

ALVIM, Victor Reis Chaves **A cavalaria na primeira continuação de Perceval ou a força das tradições culturais literárias na transição do século XII ao XIII**. 347 f. Dissertação. Mestrado em História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2018.

BARROS, J. **O Amor Cortês: uma análise crítica**. PLUSS Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Severino Sombra, Vassouras, vol. 1, n. 1, mar. 2007. Disponível em: www.areadeletras.com/pluss/assuncao.pdf. Acesso em: 25 abr. 2009

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.

COUTINHO Priscilla Lauret e COSTA Ricardo da . **Entre a Pintura e a Poesia**. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). **Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media**. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003, p. 4-28

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens**. São Paulo, Companhia das Letras. 2011.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário feudalismo**. Editorial Estampa. 1994.

DALARUN, Jacques. **Amor e Celibato na Igreja Medieval**. São Paulo, Martins Fontes.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994, 2 v.

FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. “**A formação do cavaleiro: *Perceval* ou *O conto do Graal*”**. *Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, 4, 2004. Disponível em:
<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num4/artigos/art10.htm>

FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. “**Amor e cortesia na literatura medieval**”, *Notandum*, São Paulo, 7, 2008, p. 63-68. Disponível em:
<http://www.hottopos.com/notand7/raul.htm>

FERNANDES, Raúl César. **Maravilhas e Aventuras n’A Demanda do Santo Graal.Espéculo**. Revista de Estudos Literários. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2010, v. 45, p. 1-14. Disponível em:
www.ucm.es/info/especulo/numero45/sinalesp.html

FLORI, Jean. **A Cavalaria - As Origens dos Nobres Guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005

FRANCO JÚNIOR, Hilário, 1948- **A Idade média : nascimento do ocidente** / Hilário Franco Júnior. -- 2. ed. rev. e ampl. -- São Paulo: Brasiliense, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Vol. II. 2 ed. Editora Estampa.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média**. tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Júnior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MELLO, José Roberto. **O Cotidiano no imaginário medieval** – São Paulo: Contexto, 1992.

PINHO, Flávia Bogéa. **“Perfil Cavaleiresco” NÁ Demanda do Santo Graal: ideologia e imaginário (Séculos XII – XIII)**. Monografia de Conclusão de Curso em História. São Luis: Universidade Estadual do Maranhão, 2011.

RAMOS, Edilene Ferreira. **A tentação de Persival e sua busca da virtude: análise de um episódio de A demanda do Santo Graal**. Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários. 2009. p 23 – 31.

SOUZA, Neila Matias. **Lancelot e Galaaz: Representações do Cavaleiro Cortês e Cristão no Imaginário Medieval (séculos XII e XIII)**. Monografia de Conclusão de Curso em História. São Luis: Universidade Estadual do Maranhão. São Luis: Universidade Estadual do Maranhão, 2008.

SOUZA, Neila Matias. **Em nome de Deus: cavalaria, Igreja, Pecado e Salvação no Ocidente Medieval (Século XIII)**. São Luis: Café & Lápis; Fapema, 2015.

ZIERER, Adriana. **Virtudes e vícios dos cavaleiros n’ A Demanda do Santo Graal**. In: MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias: por terras de Europa e de Américas**. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 37-47.

ZIERER, Adriana. **O mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII. Ciências Humanas em Revista**. São Luis. V. 3. 2005. p. 141 – 155.

ZIERER, Adriana. **O Modelo de Cavaleiro n’A Demanda do Santo Graal**, In: OLIVEIRA, Terezinha (org.). **Antiguidade e Medievo. Olhares Filosóficos da Educação**. Maringá, Eduem, 2008.

ZIERER, Adriana. **“O Cavaleiro Cristão n’A Demanda do Santo Graal e n’O Livro da Ordem de Cavalaria”**. In: Terezinha Oliveira (org), **Educação, História e Filosofia no Ocidente: Antiguidade e Medievo**. Itajaí:Univale Ed., 2009.

ZIERER, Adriana. **Eleitos Versus Pecadores: O Ideal Cavaleiresco N' A Demanda Do Santo Graal**. Revista Crítica Histórica Ano IV, nº 7, julho/2013.p. 211- 227.

ZIERER, Adriana. **O Modelo Pedagógico de Cavaleiro Segundo Ramon Llull**. In: ZIERER, Adriana. e BRAGANÇA JUNIOR, Álvaro. **Cavalaria e Nobreza: entre a história e a literatura**. Maringá: Eduem. 2017, p. 137-154.